

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**FUTEBOL E POLÍTICA: UM ESTUDO DO CLIENTELISMO  
POLÍTICO EM FLORIANÓPOLIS-SC (1946 A 1964)**

Dissertação apresentada ao programa  
de Pós-Graduação em História do  
Centro de Filosofia e Ciências  
Humanas da Universidade Federal de  
Santa Catarina, para obtenção do  
Título de Mestre em História.  
Orientador: Ernesto Anibal Ruiz

**ROGÉRIO SILVA LUZ**

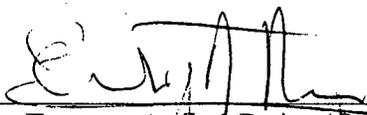
**Florianópolis  
2000**

**FUTEBOL E POLÍTICA:  
UM ESTUDO SOBRE CLIENTELISMO POLÍTICO EM FLORIANÓPOLIS-SC  
(1946 A 1964)**

**ROGÉRIO SILVA LUZ**

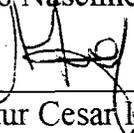
**Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do  
título de MESTRE EM HISTÓRIA DO BRASIL.**

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Dr. Ernesto Aníbal Ruiz (Orientador - HST/UFSC)

  
Prof. Dr. Sérgio Schmitz (HST/UFSC)

  
Prof.<sup>ª</sup> Dr.<sup>ª</sup> Laura do Nascimento Rótolo de Moraes (HST/UFSC)

  
Prof. Dr. Artur Cesar Isaia - suplente - (HST/UFSC)  
Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 13 de dezembro de 2000.

L96f

Luz, Rogério Silva

Futebol e Política: um Estudo do Clientelismo  
Político em Florianópolis- SC ( 1946-1964 ) / Rogério  
Silva Luz. – Florianópolis, 2000

Dissertação apresentada à Universidade Federal  
de Santa Catarina, para obtenção do título de Mestre  
em História.

1-História Política: Florianópolis.2- Clientelismo  
Político. 3- Futebol e Política: Florianópolis. I- Título.  
CDD- 981.64

## **AGRADECIMENTOS**

Chegar ao final desta jornada, não seria possível sem o apoio, a colaboração e, principalmente, pela atenção recebida de várias pessoas, as quais tive o prazer de conviver durante todo este processo. Porém, todos foram e são muito importantes para mim.

Em especial, gostaria de agradecer a uma pessoa em que tive o prazer de conhecer durante a minha graduação e que anos depois, seria o meu orientador nesta dissertação, o Professor Ernesto Aníbal Ruiz, que com o seu jeito especial conseguiu demonstrar que eu poderia alcançar meus objetivos. Principalmente quando eu chegava em sua sala, com meus escritos, e ele dizia: "isto está um omelete, tem que fazer os deveres direito". Hoje, graças a sua orientação, posso dizer: os "deveres" foram feitos com completo êxito.

Agradeço aqui, as pessoas que conviveram mais diretamente comigo, principalmente na fase final de meu trabalho, e que hoje ainda estão bem vivos em minha memória, meus colegas de mestrado, Aldonei, Santino, Lili, Sônia, Prin, Paulo e João.

Aos Membros da Pré-Banca, Professora Laura do Nascimento Rótolo de Moraes e Professor Sérgio Schmitz, que com suas sugestões, enriqueceram ainda mais este trabalho.

Aos amigos, que mesmo não conhecendo muito bem sobre o conteúdo de minha pesquisa de mestrado, deram todo o apoio nas horas difíceis; Márcio, Destre, Marcos, Leonel, Rodrigo e Cris.

Aos colegas de trabalho, em especial as Irmãs Servas de Maria Reparadoras, que com o apoio e carinho deram também a sua contribuição; aos professores (as) Fernando, Fátima, Francisco, Edivan, Reni, Luciano, André Luís, Manoel, Mário César, Maria Albertina e Glaci.

Aos Professores (as) do Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, por todo embasamento e amizade dispensada em meu benefício.

Aos Professores(as) e Funcionários (as) do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

Aos meus entrevistados(as), Maria de Lurdes Fernandes Aquino, Paulo Brito, Fernando Linhares da Silva, Tadeu Carioni, Osni Meira e Maury Dal Grande Borges. Que dispuseram de seu tempo, para que através de suas memórias e experiências, puderam auxiliar-me em minhas pesquisas.

Aos funcionários (as) da Biblioteca Universitária (BU), por toda a atenção prestada.

Aos amigos que cultivei, durante minha Graduação no ECA (Espaço Cultural Alternativo), e que foram a minha família dentro da universidade, Leandro, Débora, Negão, Alemão, Zulu, Batata, Martinha, Borba, Gaúcho, Fernando, Profeta e Janaína.

Ao Sr. João Cepetiba, pela correção ortográfica.

Ao CNPQ pelos 12 meses de bolsa, que contribuíram em parte na viabilização deste trabalho.

A meus familiares que abdicaram de vários momentos de lazer, e muitas vezes tiveram paciência em momentos difíceis de minha jornada, em benefício da conclusão deste trabalho.

## **DEDICATÓRIA**

*A meus pais Andrino e Ambrosia, a minha  
nova família Evelise e Rafael*

*"Mestre não é quem sempre ensina,  
mas quem de repente aprende."*

*Guimarães Rosa*

## SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

|  |    |
|--|----|
| INTRODUÇÃO   | 15 |
| 1 – PEQUENA HISTÓRIA DO FUTEBOL  | 21 |
| 1.1 - O Futebol desembarca no Brasil   | 24 |
| 1.2 - O Crescimento do Futebol no Brasil                                       | 26 |
| 1.3 - O Futebol em Florianópolis   | 31 |
| 1.4 - O Figueirense Futebol Clube  | 40 |
| 1.5 - O Avaí Futebol Clube   | 45 |
| 1.6 - Avaí e Figueirense, uma eterna rivalidade                                | 50 |
| 2 - O FUTEBOL AMADOR E SUA PROFISSIONALIZAÇÃO:<br>DE VARGAS À REDEMOCRATIZAÇÃO | 53 |
| 2.1 - Doações e favores aos Clubes de Futebol                                  | 55 |
| 2.2 - Jogadores Carismáticos: Cargos Públicos – Empresas privadas              | 58 |

|   |           |
|---|-----------|
| <b>3 - PARTIDOS POLÍTICOS: CABOS ELEITORAIS – FIDELIDADE<br/>E CLIENTELISMO</b> | <b>63</b> |
| 3.1 - O Partido Social Democrático – PSD  | 65        |
| 3.2 - A União Democrática Nacional – UDN  | 66        |
| 3.3 - A força dos Cabos Eleitorais  | 67        |
| <b>4 – ESTRATÉGIAS ELEITORAIS: A RELAÇÃO ENTRE O FUTEBOL<br/>E A POLÍTICA</b>   | <b>71</b> |
| <b>5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>81</b> |
| <b>6 – FONTES</b>   | <b>83</b> |
| <b>7 – ANEXOS</b>   | <b>92</b> |
| 7.1 - Anexo 01 - Relação dos Presidentes da F.C.F                               | 93        |
| 7.2 - Anexo 02 - Relação dos Vereadores eleitos na 1ª Legislatura               | 94        |
| 7.3 - Anexo 03 - Relação dos Vereadores eleitos na 2ª Legislatura               | 95        |
| 7.4 - Anexo 04 - Relação dos Vereadores eleitos na 3ª Legislatura               | 96        |
| 7.5 - Anexo 05 - Relação dos Vereadores eleitos na 4ª Legislatura               | 97        |
| 7.6 - Anexo 06 - Relação dos Vereadores eleitos na 5ª Legislatura               | 98        |
| 7.7 - Anexo 07 - Ata da Fundação do Figueirense Futebol Clube                   | 99        |

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** – Desenho retratando os primórdios do futebol. Foto retirada da Internet:  
Disponível em: <<http://www.figueirense.com.br/historia1.htm>>.

**Figura 2** – Foto do início do século de um time de futebol. Disponível em:  
<<http://www.figueirense.com.br/futebol1.htm>>.

**Figura 3** – Charles Miller: o organizador do futebol no Brasil. Disponível em:  
<<http://www.figueirense.com.br/futebol1.htm>>.

**Figura 4** – Velódromo: utilizado para o jogo de futebol. Disponível em:  
<<http://www.figueirense.com.br/futebol1.htm>>.

**Figura 5** - Externato Futebol Clube, time de 1916. Foto de propriedade do Sr. Maury Borges.

**Figura 6** - Equipe do Clube esportivo Florianópolis – 1917. Foto de propriedade do Sr. Maury Borges.

**Figura 7** – Praça XV de Novembro – 1920. Foto retirada o livro: Ruas de Florianópolis: resenha histórica.

**Figura 8** – Diretoria da Federação Catarinense de desportos – 1929. Foto retirada o livro: História do Futebol catarinense.

**Figura 9** – Campo da Liga. Foto retirada da Revista Comemorativa dos 64 anos do Avaí Futebol Clube.

**Figura 10** – Avaí e Santos, 1972. Foto retirada da Revista Comemorativa dos 75 ano do Avaí Futebol Clube.

**Figura 11** – Figueirense Futebol Clube – Time de 1932. Foto retirada da Revista Comemorativa dos 73 anos do Figueirense Futebol Clube.

**Figura 12** – Prédio onde foi fundado o Figueirense F. C.. Foto de propriedade do Sr. Maury Borges.

**Figura 13** – João dos Passos Xavier – 1º Presidente do Figueirense. Foto de propriedade do Sr. Maury Borges.

**Figura 14** – Avaí Futebol Clube – Time de 1924. Foto retirada da Revista Comemorativa dos 64 anos do Avaí Futebol Clube.

**Figura 15** – Casa de Amadeu Horn. Foto retirada da Revista Comemorativa dos 64 anos do Avaí Futebol Clube.

**Figura 16** - Caricaturas dos melhores do Avaí. Foto retirada da Revista Comemorativa dos 64 anos do Avaí Futebol Clube.

**Figura 17** – Clássico entre Avaí e Figueirense, 1970. Foto retirada do jornal Diário Catarinense (24/03/96).

**Figura 18** – Getúlio Vargas – pioneiro na utilização da mídia em seu benefício. Disponível em: <<http://getuliovargas.ca.tc/>>.

**Figura 19** - Governador Esperidião Amin: representante avaiano .Foto retirada da Revista do Avaí Edição especial do Título Brasileiro de 1998.

**Figura 20** - Aderbal Ramos da Silva – peça chave no cenário catarinense. Foto retirada do Livro: Dicionário Político Catarinense.

**Figura 21** – Vitória de Aderbal Ramos da Silva ao Governo do Estado em 1947. Foto retirada do livro: Doutor Deba: poder e Generosidade.

**Figura 22** – Funga-Funga ao lado de Aderbal Ramos da Silva. Foto retirada do livro: Doutor Deba: poder e Generosidade.

**Figura 23** - - Owaldo Bulcão Vianna – um dos símbolos da UDN. Foto retirada do Livro: Dicionário Político Catarinense.

**Figura 24 – Aderbal Ramos da Silva em visita à sede do Avaí F.C.. Foto retirada da Revista Comemorativa dos 64 anos do Avaí Futebol Clube.**

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1** – Relação das equipes campeãs da L.S.C.D.T. – de seu início até 1969.

**Tabela 2** – Relação de políticos ligados a clubes de futebol.

**Tabela 3** - Relação de Políticos ligados à Federação Catarinense de Futebol.

## **ABSTRACT**

The purpose of this work is to study the relation between politics and soccer in Florianópolis, Santa Catarina, between 1946 and 1964. During this period both major political parties, the UDN (União Democrática Nacional) and the PSD (Partido Social Democrático), used the so-called clientelism (as defined by Max Weber and other social scientists) in their confrontation to achieve political power through electoral means. Soccer was used as a mechanism to mobilize the masses and the sport was incorporated by political groups as an instrument to divulge their image with the population and to secure the voter's fidelity.

## RESUMO

O presente trabalho voltou-se para um estudo da política de Florianópolis, Santa Catarina e sua relação com o futebol local, durante o período da redemocratização da política nacional, compreendido entre os anos de 1946 a 1964.

Procuramos aqui apresentar a luta pelo poder disputada por dois principais partidos, a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático), através da utilização de práticas clientelísticas. O futebol, sendo um mecanismo de mobilização de massas, foi incorporado por grupos políticos com o intuito de divulgar sua imagem perante a população, garantindo assim uma fidelidade partidária dos eleitores.

## INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é demonstrar a utilização do futebol por grupos políticos como uma forma de conquistar eleitores fiéis para seus partidos. Esta utilização é vista, principalmente, pela inserção destes políticos nos quadros administrativos dos clubes e até mesmo da Federação Catarinense de Futebol, onde sua imagem poderia ter um alcance em nível estadual. Como naquele período o futebol vivia um momento de falso amadorismo, pelo fato dos jogadores não terem seus direitos assegurados como qualquer outro trabalhador, mas em troca de suas habilidades, lhes eram oferecidos outros benefícios como dinheiro, casa e empregos no âmbito público ou privado, surgem laços de clientelismo entre os jogadores carismáticos e os políticos mantenedores dos clubes.

Temos, no Brasil, em termos muito genéricos, duas vertentes de clientelismo: um clientelismo exercido pelos proprietários de terras sobre as massas rurais, que remonta à virada do século XIX para o XX e que recebeu o nome de coronelismo; e outro exercido pelas lideranças políticas sobre as massas urbanas, que recebeu o nome de populismo, cujo período de auge ocorreu entre os anos de 1945 a 1964.

Segundo Pires, o termo populismo, neste entendimento, resume as feições básicas do modo como se deu a absorção das massas populares urbanas, em sua maioria recém-chegadas das áreas rurais, no processo político, a partir da industrialização e urbanização acelerada. Este modo de absorção, teria como principais características, a manipulação das massas populares por políticos demagogos ou carismáticos os quais conseguiam alcançar e manter no poder mediante a utilização de recursos retóricos; *líder e massas, carisma e demagogia*.<sup>1</sup>

Para a realização desta pesquisa, é de suma importância a definição de alguns parâmetros que foram utilizados como um embasamento teórico do trabalho proposto. Tentando demonstrar como os grupos políticos, utilizavam-se do futebol como forma de garantir sua legitimação de poder perante a população, e com isso ganhar adeptos fiéis ao seu partido. Utilizamo-nos de conceitos de Max Weber, para melhor definirmos a idéia de carisma e a questão do clientelismo. O carisma é um dos elementos principais, pois o carisma transmitido pelo futebol é incorporado pelos políticos em benefício próprio, com o intuito de conquistar o maior número de eleitores fiéis.

Para Max Weber, a dedicação ao carisma, significa que o líder é pessoalmente reconhecido como líder. Os homens não o obedecem apenas em virtude de uma tradição ou por causa da lei, mas, principalmente, porque acreditam nele.<sup>2</sup> Todo jogador que se sobressai por uma habilidade em campo, pode-se atribuir a ele um dom que geralmente é definido como carisma. Grandes jogadores possuem um carisma que faz deles os preferidos da torcida. A relação entre um jogador carismático abraçando um político, tem o impacto da transferência de carisma do primeiro para o segundo, ao menos na visão do torcedor. Por tal razão,

---

<sup>1</sup> PIRES, Julio Mamuel. *A Política Social no Período populista*. São Paulo: IPE/USP, 1995.

<sup>2</sup> WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 99/100

os políticos fazem questão de aparecer perante o público como pessoas intimamente ligadas a esses atletas carismáticos, ou aos clubes de futebol em que os mesmos demonstram essas habilidades.

O líder carismático ganha e mantém a autoridade exclusivamente provando sua força na vida. Força esta que fica muito bem evidenciada através das vitórias de seu time de futebol, é como se tivessem derrotado seus opositores políticos em um pleito eleitoral.

O torcedor mantém uma incondicional fidelidade ao seu time, esta fidelidade é transferida a um político quando ele demonstrar ser um torcedor ou, principalmente, quando ele traz benefícios para o time em questão. As formas de beneficiar um time de futebol são as mais diversas, desde o auxílio para a compra de equipamento até a construção de estádios de futebol.

Ainda, segundo Weber, uma outra forma de legitimação do poder pelo político está também determinada por dois outros fatores bastante fortes, o medo e a esperança, medo da vingança dos poderes mágicos do detentor do poder, esperança de recompensa neste mundo ou, no outro, e, além de tudo isso, pelos mais variados interesses.<sup>3</sup>

Esses fatores descritos por Weber e sua relação com o trabalho aqui proposto, é demonstrar-se que para um grande grupo de seguidores dos grupos políticos, o maior interesse é, efetivamente, a recompensa pessoal, percebidos através da colocação dos mesmos em empregos públicos. Segundo Weber, "os seguidores do partido e acima de tudo os seus funcionários e empresários, esperam naturalmente uma compensação pessoal pela vitória de seu chefe, isto é, cargos e outras vantagens. " <sup>4</sup> Essa troca de favores entre o político e seus seguidores fica

---

<sup>3</sup> WEBER, op. Cit., p. 125

<sup>4</sup> WEBER, op. Cit., p. 125

caracterizada através do termo clientelismo, onde o jogador de futebol transfere seu carisma para os interesses do político, em contrapartida recebe como benefício sua inserção nos quadros funcionais de empresas privadas pertencentes aos grupos políticos ou, principalmente, em órgãos públicos através do “cartãozinho” do político.

Segundo Martins, a política do favor, base e fundamento do Estado brasileiro, não permite nem comporta a distinção entre o público e o privado. Pois, o trânsito do dinheiro particular para os bolsos dos políticos por meio das funções públicas que ocupam combina-se na tradição brasileira, como o movimento inverso do dinheiro particular dos políticos em favor dos interesses particulares dos eleitores, justamente pela compensação pela lealdade política desses últimos.<sup>5</sup>

Cabe aqui ressaltar que o cenário político brasileiro é em sua essência de origem oligarquica, onde os grandes senhores de terras, detém o controle do poder até os dias de hoje, como demonstra muito bem Martins, as oligarquias políticas no Brasil colocaram a seu serviço as instituições da moderna dominação política, submetendo a seu controle todo o aparelho de Estado. Em consequência, nenhum grupo ou partido político tem hoje condições de governar o Brasil senão através de alianças com esses grupos tradicionais. E, portanto sem amplas concessões às necessidades do clientelismo político.<sup>6</sup>

Para uma maior compreensão deste trabalho, o distribuímos em quatro capítulos distintos. O primeiro capítulo apresenta uma introdução da história do futebol, a partir de suas origens, organização e sua chegada ao Brasil no final do século XIX. Ainda neste capítulo, descreve-se como o futebol se organizou em Florianópolis e cita-se os principais clubes de futebol que fizeram parte da história do

---

<sup>5</sup> MARTINS, José de Souza. *O Poder do Atraso: Ensaio de Sociologia da História Lenta*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994. p. 19,20

<sup>6</sup> MARTINS, op. Cit., p. 20

futebol florianopolitano, dando ênfase, principalmente, a dois clubes, Avaí e Figueirense, que permanecem atuando até os dias de hoje.

Já no capítulo seguinte, o ponto principal é demonstrar que no período de 46 a 64, o futebol era tratado como uma modalidade amadora, como dizem algumas pessoas, era a época do “profissionalismo marrom”, onde a atividade do jogador de futebol não era reconhecida como profissão. Este período foi utilizado por grupos políticos como forma de garantir prestígio perante a população, utilizando-se da imagem do atleta, que em contrapartida recebia dos políticos uma colocação em empresas públicas e/ou privadas. Criando, desta forma, laços de clientela entre o futebol e os grupos políticos.

No terceiro capítulo, apresentamos a formação dos dois principais partidos políticos que atuavam não só em Florianópolis, mas em todo território nacional, o Partido Social Democrático e a União Democrática nacional. Através deles, podemos observar a força dos Cabos Eleitorais, visíveis principalmente na figura dos Intendentes, que eram o elo de comunicação entre a população e o governo.

O último capítulo descreve as estratégias realizadas pelos grupos políticos para chegar e permanecer no poder e sua relação com o futebol. Sua inserção nos quadros administrativos dos clubes de futebol e na própria Presidência da Federação Catarinense de Futebol.

Cabe aqui ressaltar, que trabalhar com a história política de Florianópolis e sua relação com o futebol, foi um pouco difícil, principalmente pelo fato de se tratar de uma história recente, onde muitas das pessoas relacionadas ainda fazem parte do cotidiano da cidade. Notou-se, também, uma falta de organização por parte dos clubes de futebol, pelo fato de nenhum dos dois clubes de futebol contarem com um arquivo de sua história. O Avaí Futebol Clube não tem ao menos sua ata de

fundação, dizem que se perdeu num incêndio. A Ata de Fundação do Figueirense existe, mas se encontra com uma pessoa alheia ao clube. Uma outra dificuldade encontrada no decorrer do trabalho, foi pelo fato de que o nome dos jogadores que atuavam naquela época, em sua maioria, só apareciam pelo seu apelido, dificultando a pesquisa em relação à inserção dos mesmos nos quadros funcionais de empresas públicas ou privadas, que só foi parcialmente resolvida, através das entrevistas realizadas.

## 1 – PEQUENA HISTÓRIA DO FUTEBOL

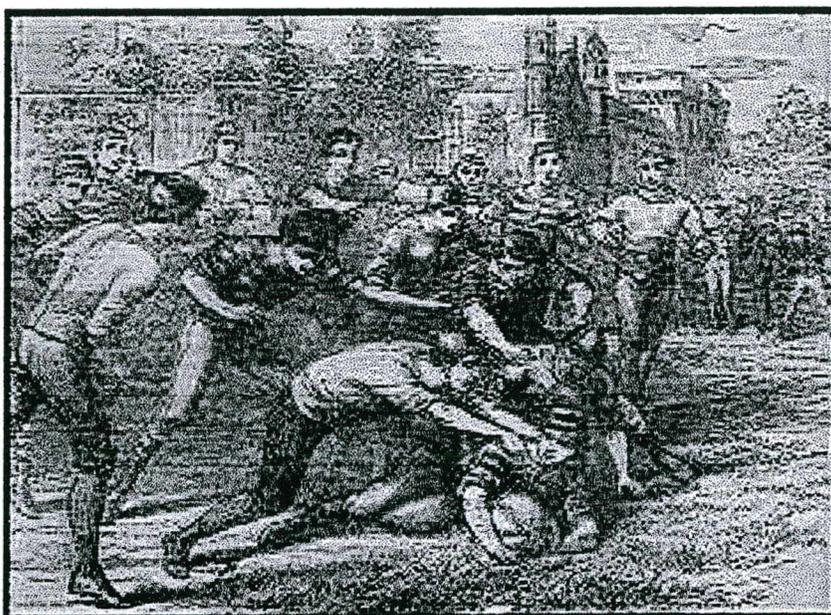


Figura 1 - Desenho retratando os primórdios do futebol

Quando começamos a fazer uma pesquisa sobre a origem futebol, a primeira impressão que se tem é que o mesmo foi criado pelos ingleses. Mas sua prática é muito mais antiga, tendo seu primórdio no continente asiático, mais precisamente na China e Japão. Aparecem também relatos na Grécia, por volta de 1100 e 880 a. C., onde a população praticava o *Epyskiros*. Utilizando sua política de assimilar os

costumes dos povos conquistados, os romanos copiaram as regras do *Epyskiros* e criaram o *Harpastum*.

Coube aos ingleses, isso sim, a organização do esporte chamado de futebol mais parecido com o jogo que conhecemos hoje. Foi exatamente na Inglaterra, no século XIX, que o esporte conhecido como futebol começou a ser praticado, principalmente por membros da corte e nas escolas superiores como a de Oxford e Cambridge. Segundo Soares, o futebol é considerado um bem cultural, de origem inglesa, do qual, rapidamente, as classes populares se apropriaram <sup>7</sup>.

Em 1823, surgem os primeiros regulamentos, em especial no que delimitava o número de participantes que poderiam formar uma equipe em jogo. Também foram determinadas as dimensões que deveriam ter o campo de futebol, oitenta por cento e vinte metros. Foi neste mesmo período que surgiram os gols, que eram nada mais que dois pares de postes com largura de um metro, colocados nas extremidades do campo, e eram chamados de arcos.

A partir deste momento, o futebol começa a ter uma organização mais definida. Aparecem os primeiros clubes de futebol, que faziam a promoção de campeonatos para disputar partidas entre si, cada equipe queria jogar de sua forma para poder, desta maneira, tirar o melhor proveito da situação. Era necessário, então, a elaboração de um regulamento único, para dar fim a tamanha confusão.

Em 1848, houve uma unificação das regras, para tanto, representantes dos clubes, capitães de equipes e dirigentes das escolas de Cambridge, Harrow, Westminster, Winschester, e Elton, tiveram a missão de se reunir e entrarem em um consenso. Após a unificação das regras, o futebol cresce rapidamente na Inglaterra e, em 26 de outubro de 1863, foi fundada a *English Foot Ball Association*.

---

<sup>7</sup> SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *Futebol, Malandragem e Identidade*. Vitória: SPDC/UFES, 1994. p. 7

Pode-se dizer que a *Football Association*, na verdade, foi a entidade precursora da *International Football Association Board*, que ficou mais conhecida como *International Board*, foi a entidade responsável por todas as modificações e pela manutenção das regras do futebol. Tendo o respaldo de uma organização forte, através da *International Board*, o futebol passou a agregar, aos poucos, várias modificações, que, com o passar do tempo, o deixaram com a cara que tem hoje.

No ano de 1868 foi criada, pelos britânicos, a figura do árbitro, que no seu início tinha que impor seu comando aos gritos, bem diferente dos dias de hoje, onde o árbitro comanda através de gestos e do seu apito. Surgem também as traves superiores, as redes e a cobrança de pênalti. Ficou estabelecido que o número de jogadores a se enfrentar em uma partida era o de onze por equipe.

Após ter completado onze anos de sua fundação, a *Football Association* prepara a primeira competição oficial de futebol do mundo, a Copa da Inglaterra (FA Cup). Aproveitando o grande sucesso da experiência inglesa com a criação da FA Cup, as demais associações da Europa partem também para a criação de suas próprias competições nacionais. Depois dos precursores ingleses, a França, a Itália e a Alemanha, foram os primeiros países a organizar seus campeonatos, unificando diversas ligas regionais independentes.

Mas ainda faltava alguma coisa, a centralização da organização do futebol. Isso somente aconteceu, segundo Helal, em Paris no dia 21 de maio de 1904, com a fundação da *Federation Internationale de Football Association* (FIFA).<sup>8</sup> Um dos primeiros objetivos desta nova entidade foi o de incentivar a realização de competições entre países de um mesmo continente, como foi o caso do primeiro *Campeonato Sul-Americano de Futebol*, em 1916, um grande teste para o seu maior

---

<sup>8</sup> HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997., p. 25

objetivo, um torneio que reunisse países de todos os cantos do planeta. Este objetivo foi alcançado com a realização da Copa do Mundo de 1930, realizada no Uruguai.

### 1.1 - O Futebol desembarca no Brasil



**Figura 2 – Foto do início do século de um time de futebol**

Não se tem uma data, nem local preciso para afirmar quando foi realizada a primeira partida de futebol no Brasil, pois há muita contradição nos livros e faltam registros oficiais, ao ponto que vários Estados tomam para si como sendo os pioneiros do futebol brasileiro. Pode-se afirmar, certamente, que foram os marinheiros britânicos que trouxeram o futebol para as cidades portuárias do Brasil.

Pelo menos em cinco lugares foram realizadas partidas de futebol, no Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Minas Gerais. Os precursores do futebol no Brasil foram estrangeiros. Segundo Saldanha, o futebol

apareceu no Brasil em qualquer lugar onde havia ingleses e, numa certa medida, através dos padres lazaristas, salesianos e de alguns maristas.<sup>9</sup>

Certas manifestações do futebol aconteceram por influência de padres. Em 1880, o esporte era praticado no Colégio São Luís, em Itu, interior de São Paulo. Seis anos mais tarde chegou ao Colégio Anchieta, em Nova Friburgo, região serrana do Rio de Janeiro, e em mais seis anos aportava na capital, no Colégio Pedro II. Os jesuítas queriam fazer com que os alunos praticassem o maior número possível de esportes, tentando assim ocupar a cabeça de seus alunos para evitar preocupações ditas dos jovens e adequá-los ao novo mundo que estava surgindo. Damatta expressa muito bem essa situação.

*“... o futebol foi introduzido no Brasil sob o signo do novo, mais do que um simples "jogo" estava na lista das coisas moderníssimas, era um "esporte". Ou seja, uma atividade destinada a redimir e modernizar o corpo pelo exercício físico e pela competição, dando-lhe a rigidez necessária a sua sobrevivência num admirável mundo novo - esse universo governado pelo mercado, pelo individualismo e pela industrialização.”<sup>10</sup>*

Numa visão capitalista, ainda segundo Damatta, a inserção do futebol no território brasileiro, já nos primeiros anos de sua vida republicana, tem como principal objetivo moldar o trabalhador às disciplinas exigidas nas fábricas, já o mesmo é um jogo e esporte, ritual e espetáculo, serve de instrumento de disciplina das massas através de um evento prazeroso.<sup>11</sup> Desta forma, fazendo com que os

---

<sup>9</sup> SALDANHA, João. *O Futebol*. Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A., 1971. p. 45

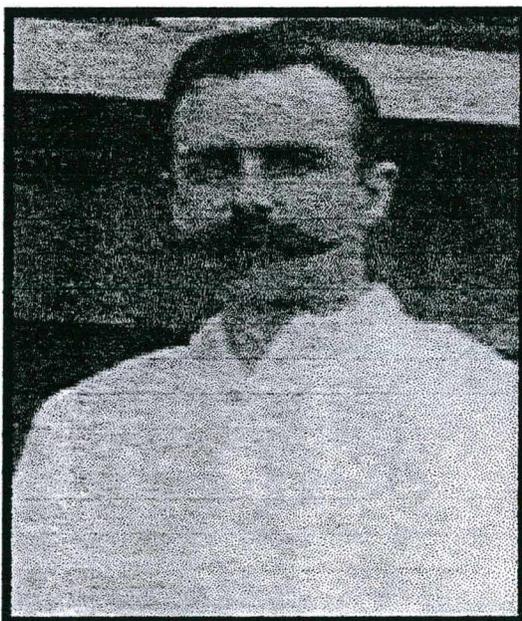
<sup>10</sup> DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. *Revista da USP: Dossiê Futebol*. Nº 22, jun/jul/ago/94, p. 11

<sup>11</sup> DAMATTA, op. cit., p. 12

seus empregados se tornassem aptos aos trabalhos em suas fábricas, utilizando para tanto de um artifício, que para o empregado era apenas um lazer.

No âmbito da diversão, o futebol era em sua essência o lazer do trabalhador e de sua família, que esperavam o dia de domingo para poder assistir a uma partida de futebol, como se fossem a um piquenique.

## 1.2 - O Crescimento do Futebol no Brasil

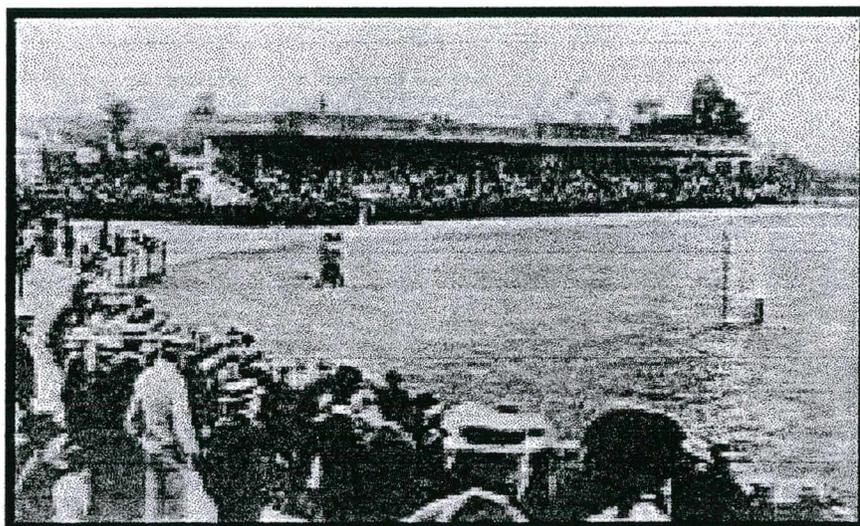


**Figura 3 - Charles Miller**

Nascido no bairro paulistano do Brás, quando completou 10 anos de idade Charles Miller, o filho brasileiro do Cônsul britânico em São Paulo, foi mandado para a Inglaterra, a fim de completar seus estudos. Charles Miller é tido, para muitos, como fundador do futebol em solo brasileiro, por ter trazido da Inglaterra, onde estudava, duas bolas, uma bomba de ar, uma agulha e dois uniformes completos e

um livro de regras no ano de 1894. O paulistano tem, no entanto, a seu favor o fato de ter organizado o esporte na cidade de São Paulo, nos moldes ingleses, elegante e obediente a um código.

Apesar de ter voltado ao Brasil em 1894, somente no ano de 1899 é que Charles Miller vê acontecer a primeira partida oficial ser realizada no Brasil. Segundo Caldas, "o primeiro grande jogo foi realizado em São Paulo, em 1899, na presença de 60 torcedores. Um acontecimento singular. Os adversários eram um time de funcionários da Empresa Alemã Nobiling, contra os ingleses da Companhia de Gás, da São Paulo Railway e do Banco de Londres. O resultado final era previsto, 1 x 0 para os ingleses".<sup>12</sup>



**Figura 4 - Velódromo - utilizado para o jogo de futebol**

Estes jogos iniciais deram forma ao primeiro Campeonato Paulista jogado em 1902. O São Paulo Athletic dominaria a cena paulista nos primeiros anos,

---

<sup>12</sup> CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista da USP: Dossiê Futebol*. Nº 22, jun/jul/ago/94, p. 42

conquistando o tricampeonato paulista de 1902 a 1904. Charles Miller atuou na equipe até 1910, quando abandonou o esporte.

Reforçando a implantação do futebol no Brasil surgem dois outros personagens, apaixonados pelo futebol, que foram essenciais para que o novo esporte se propagasse no Brasil: o alemão Hans Nobiling e o brasileiro Oscar Cox. Nobiling, um imigrante alemão que chegou ao Brasil em 1897, e enfrentou de cara a resistência dos ingleses que monopolizavam o esporte ainda iniciante. Entusiasmado, ensinou a prática do futebol a alguns jovens e formou time.

Em 1897, Nobiling partiu então para a fundação do Germânia. O nome do time agradou em cheio aos alemães, não acontecendo o mesmo com os descendentes de outros países. Em assembléia organizada para discutir o nome da equipe, *Internacional* venceu, causando a primeira "briga" do futebol brasileiro. Nobiling abandonou o clube, fundando outro, este sim Germânia, que hoje é o Pinheiros, de São Paulo.

No Rio de Janeiro, no ano de 1900, Oscar Cox, de volta da Suíça, onde estudava, não esperava que encontrasse tamanha dificuldade para praticar o esporte que admirava. Obstinado, conseguiu reunir um pequeno grupo formando o Rio Team. Os adversários seriam do Rio Cricket and Athletic Association, um time de ingleses que jogavam críquete em Niterói, e que já haviam jogado futebol na sua terra natal. Os times se enfrentaram, pela primeira vez, no dia primeiro de agosto de 1901, tendo como resultado final um empate em 1 x 1, com a partida tendo um pequeno número de espectadores. No mesmo ano, Cox organizou os primeiros jogos de paulistas contra cariocas. E, em 1902, ajudou a fundar o Fluminense Futebol Clube.

Podemos verificar que a prática do futebol no Brasil neste período era predominantemente elitista, como demonstra muito bem Lever:

*" Essa foi a era em que o futebol era chique. O jogo estava limitado aos poucos que conheciam o esporte e tinham acesso aos clubes aristocráticos onde era praticado [...] Não demorou muito para que esses jogadores recebessem a adesão dos filhos das elites locais, [...] As moças das melhores famílias do Rio compareciam aos clubes, elegantemente vestidas, a fim de admirarem os representantes da aristocracia local no campo. " <sup>13</sup>*

A inserção do futebol no Brasil surge como esporte de uma elite, mas que aos poucos vai se popularizando e penetrando em todas as camadas da sociedade. Um dos grandes fatores que levou a esta popularização, foi a criação de clubes mantidos por empresas, principalmente as industriais. Um dos mais famosos foi *The Bangu Athletic Club*, fundado em 1904, na cidade de São Paulo, e mantido pela Cia. Progresso Industrial. Como mostra Antunes: "A singularidade do Bangu no processo de popularização do futebol foi a de já ter nascido como clube de fábrica, incorporando desde o início os operários à sua equipe, [...] ao contrário dos clubes da elite carioca e da colônia inglesa."<sup>14</sup>

O incentivo dedicado por diversas empresas ao futebol, era de vital importância para que o mesmo pudesse sobreviver, e se expandir. Partia da empresa, a compra das camisetas e o local para a instalação do campo. Em contrapartida, a criação desses times de futebol nas fábricas, a princípio, fez com que os trabalhadores tivessem mais disposição ao trabalho, e, de certa, forma,

---

<sup>13</sup> LEVER LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983. p. 65

<sup>14</sup> ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. *Revista da USP: Dossiê Futebol*. N° 22, jun/jul/ago/94, p. 104

conseguia amenizar alguns problemas internos entre operário e patrão. Além disso, o futebol jogado nas fábricas aos poucos começa a se tornar um excelente mecanismo para a divulgação da imagem da empresa, principalmente pelo fato de que as equipes tinham como nome, o próprio nome da empresa.<sup>15</sup>

Esta maneira de divulgação de uma determinada imagem, fica bem caracterizada nos dias de hoje, onde podemos observar como o futebol apresenta-se uma fórmula mágica de difundir uma determinada marca. É o chamado Marketing esportivo, onde as empresas fazem vultuosos investimentos em clubes de futebol para em contrapartida verem seus logotipos aparecendo para milhões de pessoas todos os dias através dos meios de comunicação. O retorno de seus investimentos é com certeza garantido em dobro. Podemos observar-mos que nas camisetas dos jogadores de futebol o principal logotipo a ser visualizado não é o do clube de futebol, mais sim, da empresa que patrocina o clube.

Através da vinculação da imagem do atleta utilizando um produto ou, principalmente, vestindo a marca da empresa, a população começa a associar a marca com o atleta e vice-versa. A partir daí, vislumbra o mundo de conquistas do atleta como se fosse o seu mundo, através da aquisição de produtos vendidos pelas empresas para satisfazer a necessidade da população.

---

<sup>15</sup> Um exemplo da importância do futebol no cotidiano das pessoas e principalmente no âmbito das empresas, fica visível num acontecimento ocorrido na cidade de Criciúma no ano de 1945. Na mineradora Metropolitana, estava para explodir uma greve de mineiros que reivindicavam melhores condições de trabalho. Para negociar com os mineiros foi estrategicamente escolhido Dite Freitas, como comenta Silva Jr. Os critérios da escolha do porta-voz da Metropolitana foram óbvios: entre os diretores da Companhia, Dite Freitas era o que trazia mais paciência - e habilidade no sentido futebolístico da palavra - para sentar com os grevistas. Sem ter como atender às reivindicações dos operários e, para contornar a situação, a alternativa elaborada pela direção da empresa foi a criação de um time de futebol para, com isso, pôr fim à greve. Foi criado então o Esporte Clube Metropol (SILVA JR, 1996. p. 26)

### 1.3 – O Futebol em Florianópolis

O Futebol chegou a Florianópolis na primeira década do século XX, pela iniciativa dos padres jesuítas oriundos de São Leopoldo . Eles trouxeram bolas do Rio Grande do Sul, onde o esporte já tinha muitos adeptos, e iniciaram nesta prática esportiva os alunos internos e externos do Ginásio Santa Catarina, atual Colégio Catarinense.

Segundo Machado, o futebol surge para a elite de Florianópolis como uma nova opção de lazer e recreação. É que já não estava sendo tão interessante para aqueles jovens, da classe alta da cidade, passar os fins de semana dependendo apenas de competições de remo na Baía Sul, em decorrência dos fortes ventos, nem sempre em boas condições para sua prática.<sup>16</sup>

As regras deste esporte somente foram adotadas a partir de 1910. Um time formado por jovens advogados vindos do Rio de Janeiro e São Paulo, que aqui se encontravam para realizar um concurso de juiz de Primeira Estância, disputaram a primeira partida na capital contra um combinado do Ginásio.

O encontro foi no Campo do Manejo, situado no local onde hoje existe o Instituto Estadual de Educação e o Tribunal de Contas. Segundo Borges, às quatorze horas apresentaram-se em campo os dois times uniformizados. Os alunos do Ginásio, de branco com faixas vermelhas à cintura, e seus adversários, de camisa azul e calção branco.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> MACHADO, César do Canto. *História do Futebol Catarinense*. Florianópolis: Insular, 2000 p. 19

<sup>17</sup> BORGES, Maury Dal Grande. *85 Anos de Bola (A Memória do Futebol Catarinense)*. Florianópolis: IOESC, 1996. p. 3



**Figura 5 - Externato Futebol Clube, time de 1916**

O primeiro e o segundo gol da partida foram marcados por Alfredo Schlemm e por Fernando Garrocho de Brito, do time do Ginásio, tendo logo em seguida Manoel Marques marcado para os visitantes. O local onde a partida foi realizada estava muito concorrido, principalmente pelas principais famílias de Florianópolis.

A partir daí, o futebol expandiu-se e apareceram os primeiros Clubes . Um dos mais importantes foi o Anita Garibaldi, fundado em 1912, que dois anos depois mudou o nome para Clube Esportivo Florianópolis. Entre seus jogadores, podemos destacar a figura do atacante Celso Ramos, que, décadas mais tarde, viria a ser o presidente do Avaí e Governador de Santa Catarina.



Figura 6 - Equipe do Clube Esportivo Florianópolis - 1917

Florianópolis nos anos vinte estava coberta de bucolismo e simplicidade. A Avenida Trompowsky era conhecida como área nobre da cidade, nela estavam as principais chácaras que dominavam o cenário da capital. Como confirma a Sr.<sup>a</sup> Maria de Lurdes Fernandes Aquino,<sup>18</sup> “Florianópolis era uma cidade fechada, em seu cenário predominavam as grandes chácaras. Havia as chácaras dos Linhares, dos Brüggemann, dos Horn, dos Molenda, de Gustavo Richard e de outras famílias importantes de Florianópolis.”<sup>19</sup>

As praias do interior da ilha não eram quase conhecidas pela população da cidade, ficando como exclusivas dos pescadores habitantes do local. A praia do Müller, bem próxima do centro da cidade, era o ponto de encontro dos jovens da sociedade nos dias de verão. Segundo Tancredo, os banhos de mar só ocorriam

<sup>18</sup> Maria de Lurdes Fernandes Aquino, é funcionária pública aposentada. E aos 18 anos de idade começou sua militância política ao lado do PSD.

<sup>19</sup> AQUINO, Maria de Lurdes Fernandes: Depoimento [jun. 2000]

após às cinco da tarde, porque, segundo se dizia e todos acreditavam, o sol antes daquela hora poderia ocasionar uma temida doença chamada malina.<sup>20</sup>

O Jardim Oliveira Bello, da Praça XV de Novembro, era cercado por grades de ferro. O Palácio do Governo, a Catedral Metropolitana e um amontoado de casas residenciais, compunham o cenário central. Os bondinhos de tração animal, eram o único meio de transporte da população, vinham da Estação Agronômica até a Esteves Júnior, seguindo depois para a praça central, a Conselheiro Mafra e a Rua Menino Deus. Os bondinhos foram mais tarde substituídos pelas jardineiras, um tipo de ônibus todo aberto.

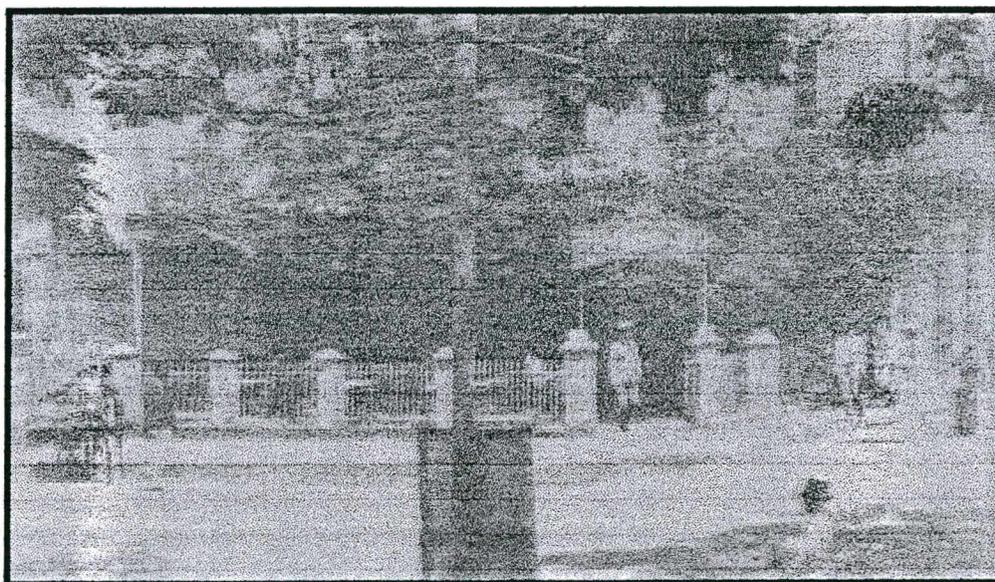


Figura 7 - Praça XV de Novembro - 1920

Foi nesta Florianópolis, que no dia 31 de maio de 1924, segundo Borges, que a Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres, realizou o *Primeiro Torneio Início*,

<sup>20</sup> TANCREDO, Luiz Henrique. *Doutor Deba: Poder e Generosidade*. Florianópolis: Insular, 1998. p. 30

dando partida à prática oficial do futebol em Florianópolis.<sup>21</sup> Vale dizer que a fundação da Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres, ocorreu após reunião realizada nas dependências do Ginásio Catarinense, no dia 12 de abril de 1924. A sede da entidade permaneceu ali até o ano de 1927. Alguns anos depois, a Liga passa a se chamar Federação Catarinense de desportos, e, por ultimo, de Federação Catarinense de Futebol, permanecendo assim até os dias de hoje.



Figura 8 - Diretoria da Federação Catarinense de Desportos - 1929

O local escolhido para a realização do evento foi o gramado do Colégio Catarinense, que serviu de palco para o acontecimento esportivo. Avahy, Florianópolis, Figueirense e Trabalhistas, Externato, Internato, estes dois últimos que surgiram dentro do próprio Colégio Catarinense, formavam as equipes participantes

---

<sup>21</sup> BORGES, op. Cit.,p. 04

do Torneio Início. Contando um elevado número de espectadores, os quais na sua maioria eram do sexo feminino.<sup>22</sup> Nota-se, já naquele momento, que o futebol em Florianópolis começava a destacar-se na imprensa local.

*“A nossa entidade máxima de desportos terrestres apresentou-se antehontem auspiciosamente ao público da capital. O elevado número de assistentes, no qual sobressahia garantidamente o elemento feminino, deu uma nota entusiastica ao disputado torneio , que se cercou assim de desusada animação. Às 13 horas e 45 minutos, puxados pela banda da Força Pública, os clubes concorrentes deram entrada no campo do jogo, debaixo de grande ovação da assistência.”<sup>23</sup>*

A partir deste primeiro torneio, fica evidente que jogar futebol, ou até mesmo assistir a uma partida desse esporte, tornou-se uma prática da elite local, como uma forma de status social perante a população. Ficando cada vez mais expresso pelas linhas dos jornais locais que, em vários momentos, citavam nome de personalidades importantes presenciando jogos de futebol.

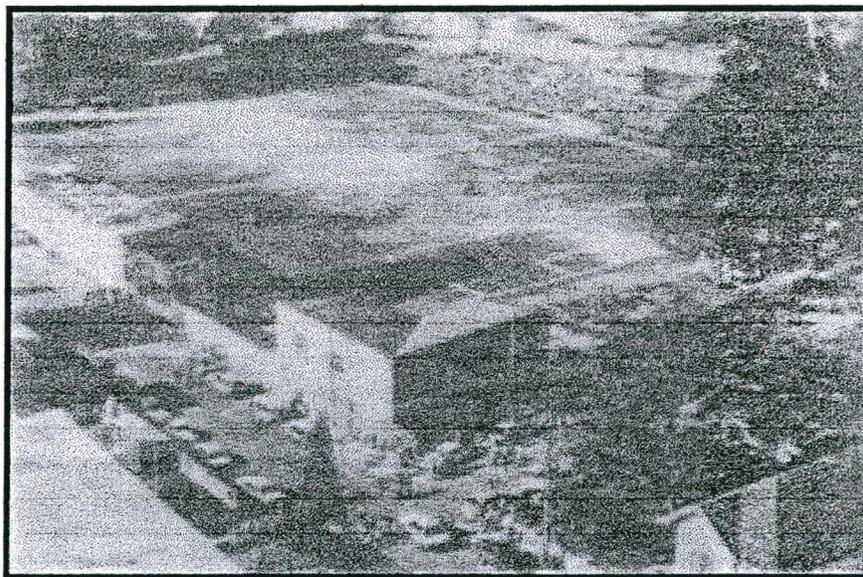
*“Domingo passado apesar do mau tempo, no (ground) do Gymnasio Catharinense, com a assistência alto destaque social entre os quaes se distinguiram o Sr. Consul do Uruguay, Sr. Governador do Estado, Coronel Pereira e Oliveira, Sr. Dr. Abelardo Luz, Superintendente Municipal, e o Sr. Luiz Alves, Presidente da L.S.C.D.T., enfrentaram-se em Match oficial, para disputa do Campeonato, os galhardos Teams do Florianópolis F.B.C. e F.B.C. Internato.”<sup>24</sup>*

---

<sup>22</sup> Em entrevista concedida ao Diário Catarinense do dia 22/12/1996, o Sr. Joel Vieira de Souza, um dos primeiros jogadores do Avaí, confirma que naquela época a presença feminina nos jogos de futebol era em grande número.

<sup>23</sup> FOOT-BALL. *O Estado*, terça-feira, 03 de junho se 1924.

Rapidamente surgem em Florianópolis várias outras agremiações futebolistas, que deram sua parte e escreveram seus nomes na história do futebol de Florianópolis. Dentre elas, podemos destacar, o Íris Futebol Clube, Avahy Futebol Clube, Figueirense Futebol Clube, Tamandaré Futebol Clube, Caravana do Ar Esporte Clube, Paula Ramos Esporte Clube e Bocaiúva Esporte Clube, entre outros.



**Figura 9 - Campo da Liga**

Anos depois, o futebol de Florianópolis já tinha endereço certo, uma ampla área encravada entre as ruas Bocaiúva, Altamiro Guimarães, Demétrio Ribeiro e Avenida Mauro Ramos, onde hoje está localizado o Shopping Beira-Mar. O Estádio Dr. Adolfo Konder, nome dado em homenagem a Adolfo Konder, que era Governador do Estado na época, era mais conhecido como Campo da Liga, nome este dado pelo fato de que o futebol em Santa Catarina era comandado por uma única liga, Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres, que mais tarde passaria a

---

<sup>24</sup> Florianópolis X Internato. *O Estado* - terça-feira, 01 de julho de 1924.

chamar-se Federação Catarinense de Desportos, e, finalmente, Federação Catarinense de Futebol.

O jornalista Fernando Linhares retrata muito bem a importância do Estádio Adolfo Konder para o futebol de Florianópolis. O campo era então da Federação, que ali realizava os campeonatos regionais, e, em seguida, as competições em nível estadual. O estádio marcou época e, por ele, desfilaram nomes famosos do futebol brasileiro e internacional.<sup>25</sup>

Quando Linhares cita o desfile de nomes que passaram pelo estádio Adolfo Konder, podemos destacar uma partida ali realizada, que contou com a participação do memorável Pelé, em um jogo entre Avaí e Santos, em 1972.



**Figura 10 - Avaí e Santos 1972**

*"15 de agosto de 1972 está na memória de muitas pessoas. Foi uma terça-feira ensolarada. À tarde vários paletós ficaram pendurados nas cadeiras das repartições públicas. Uma multidão lotou o pequeno e acanhado Estádio Adolfo Konder. Afinal, era o dia de ver Pelé pela primeira e única vez num campo de futebol em Florianópolis."*<sup>26</sup>

É interessante destacar que desta gama de grandes clubes de futebol que dispunha Florianópolis neste período, só dois clubes, o Avahy Futebol Clube e o Figueirense Futebol Clube, continuaram suas atividades até os dias de hoje, principalmente por influencia de grupos políticos que faziam parte do quadro administrativo de ambas equipes.

Como na política local, o futebol ficou também dividido em dois grandes times, divisão esta que fica bem clara nos escritos de Sérgio da Costa Ramos, demonstrando a divisão da cidade em dois grandes blocos.

*"Quem era do PSD, em Florianópolis, bradava nos comícios do Largo do Fagundes, tomava café no Bar Rosa, torcia pelos players do Avaí ou pelos remadores do Martinelli. A UDN delirava nos comícios da Praça Pereira e Oliveira, valsava no Lira Tênis Clube, torcia nos estádios pelo Figueirense, nas raias pelo Aldo Luz e degustava a rubiácea no Café do Quidoca. Liam os primeiros, O Estado; os segundos usavam-no para embrulhar tainha ovada no mercado, enquanto assinavam A Gazeta."*<sup>27</sup>

---

<sup>25</sup> SILVA, Fernando Linhares da . *Pasto do Bode: uma tradição inesquecível*. Florianópolis: Papa-Livro, 1993. p. 11

<sup>26</sup> *Avaí: 64 anos de história*. Revista comemorativa dos 64 anos do Avaí Futebol Clube. 1987. p. 30

<sup>27</sup> RAMOS, Sérgio da Costa. *Os Civis Precisam Voltar aos Quartéis - Crônicas*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1986. p. 22.

Um dos fatores decisivos pelo qual essas duas equipes destacaram-se das demais, foi o fato de que em seu corpo administrativo, tanto o Avaí Futebol Clube quanto o Figueirense Futebol Clube, contavam com a participação, em todos os sentidos, de grupos políticos com força local. O Partido Social Democrático (PSD) apoiava o Avaí Futebol Clube, enquanto a União Democrática Nacional (UDN) patrocinava o Figueirense Futebol Clube.

Esta situação fica bem caracterizada através de uma placa cravada na parede de acesso à secretaria do estádio do Figueirense: "Só o Figueirense Futebol Clube sabe quanto deve aos seus beneméritos, quase tudo."

Estes partidos políticos procuravam demonstrar sua força perante a população, em um outro campo, o do futebol, através das conquistas destes dois clubes.

#### 1.4 - O Figueirense Futebol Clube

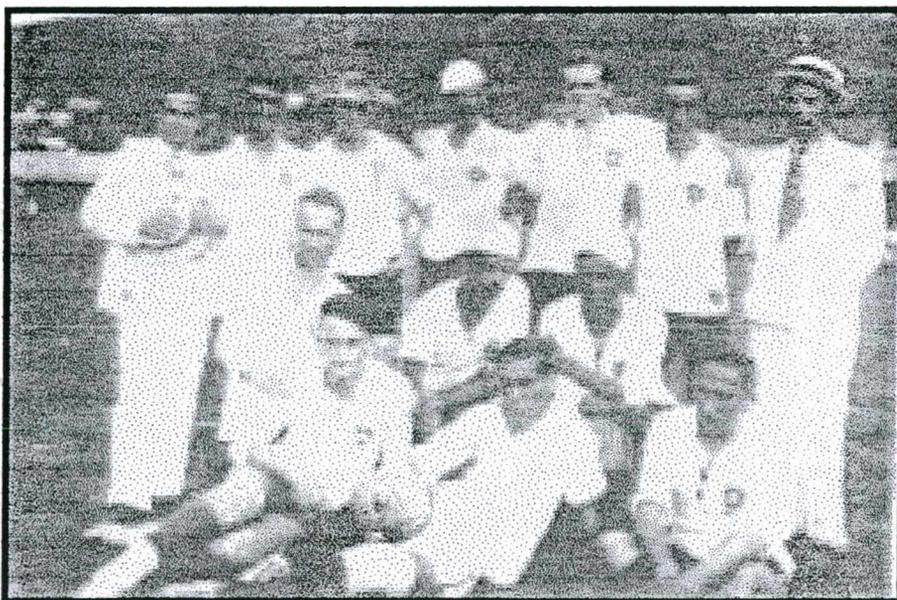


Figura 11 - Figueirense Futebol Clube - Time de 1932

Um dos esportes mais apreciados pela elite local em Florianópolis, era o remo, onde torcer pelos clubes náuticos era mais que um modismo. Segundo Tancredo, o remo era considerado um esporte de elite, chegando ao ponto da população mais abastada da Cidade usar seus trajes de gala nos dias de competições mais importantes. A sociedade ocupava toda a faixa de terra à beira-mar para assistir às competições,<sup>28</sup> neste contexto, o futebol surge para disputar um lugar no coração da população florianopolitana. Foi aí que surgiram três jovens desportistas cheios de entusiasmo e dispostos a dar à localidade da Figueira, um clube de futebol.<sup>29</sup>

Jorge Albino Ramos, um jovem desportista entusiasta do remo e do futebol, começou a difundir entre seus amigos o projeto da criação de um novo clube de futebol na capital dos catarinenses. Conquistando a simpatia de seus conterrâneos que eram igualmente admiradores do futebol e que naquela época já contava com vários clubes no País, especialmente nas capitais dos principais estados. Os primeiros a serem conquistados, segundo Borges, foram Balbino Felisbino da Silva, Domingos Joaquim Veloso e João Savas Siridakis<sup>30</sup>.

Durante o mês de maio do ano de 1921, em seus encontros dominicais na Praça XV de Novembro e também durante as conversas do dia-a-dia regado ao cafezinho dos tradicionais bares do centro de Florianópolis, trocavam idéias sobre o nome da futura agremiação, suas cores, sede, nomes e cargos para a primeira diretoria. Ainda segundo Borges, a liderança para a fundação do clube coube a Jorge Albino Ramos, apoiado por Domingos Joaquim Veloso, enquanto que o nome

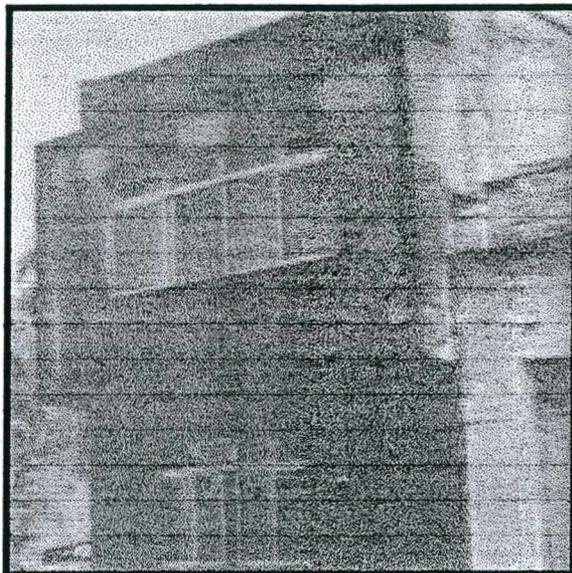
---

<sup>28</sup> TANCREDO, op. cit., p. 122

<sup>29</sup> Revista 73 anos. *Publicação comemorativa dos 73 anos do Figueirense Futebol Clube*. 1988. p. 3

<sup>30</sup> BORGES, op. cit., p. 70

de Figueirense teria partido de João Savas Siridakis.<sup>31</sup> Tal nome era defendido pelo fato de que vários encontros para a criação do clube tinham sido realizados na localidade da Figueira, situada nas imediações das ruas Conselheiro Mafra, Padre Roma e adjacências.



**Figura 12 - Prédio onde foi fundado o Figueirense F.C.**

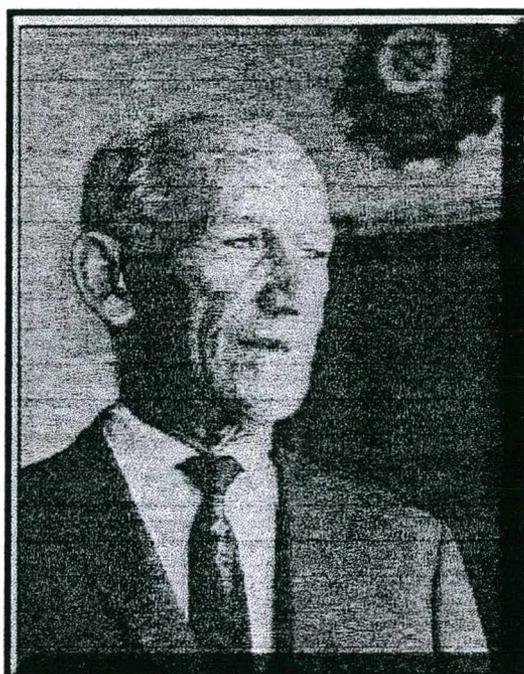
Ficou definido o dia 12 de junho de 1921, como a data que marcaria a fundação da nova sociedade esportiva. Foi então que o Senhor Ulisses Carlos Tolentino, amigo dos mentores do clube, ofereceu sua residência localizada na rua Padre Roma, 27 para a realização do tão esperado encontro. Imediatamente, trataram de ultimar os preparativos para a histórica solenidade. O livro onde seria redigida a ata de fundação,<sup>32</sup> foi prontamente providenciado por Balbino Felisbino da Silva, cabendo a Jorge Ramos, Domingos Veloso e João Savas Siridakis, comunicarem os demais participantes do encontro.

---

<sup>31</sup> BORGES, op. cit., p. 70

<sup>32</sup> Ver Anexo 07

Para que a reunião fosse consolidada houve uma pré-reunião, no dia 11 de junho, na barbearia do Sr. Jorge Ramos, então situada na esquina das ruas Pedro Ivo com Conselheiro Mafra, destinada à composição da diretoria. Foi quando, segundo Borges, o Sr. João dos Passos Xavier tomou conhecimento do movimento para a fundação de uma equipe de futebol. Que prontamente acolheu a idéia. O cargo de presidente foi justamente oferecido a João dos Passos Xavier.<sup>33</sup>



**Figura 13 - João dos Passos Xavier - 1º Presidente do Figueirense**

Segundo a Ata de fundação do Figueirense Futebol Clube<sup>34</sup>, no dia 12 de junho de 1921, às 19 horas chegam à residência de Ulisses Tolentino os primeiros participantes. Compareceram à reunião, os Senhores João dos Passos Xavier, Ulisses Carlos Tolentino, Heleodoro Ventura, Higino Ludovico da Silva, Jorge Albino Ramos, Balbino Felisbino da Silva, Domingos Felisbino da Silva, Bruno Ventura,

---

<sup>33</sup> BORGES, op. cit., p. 70

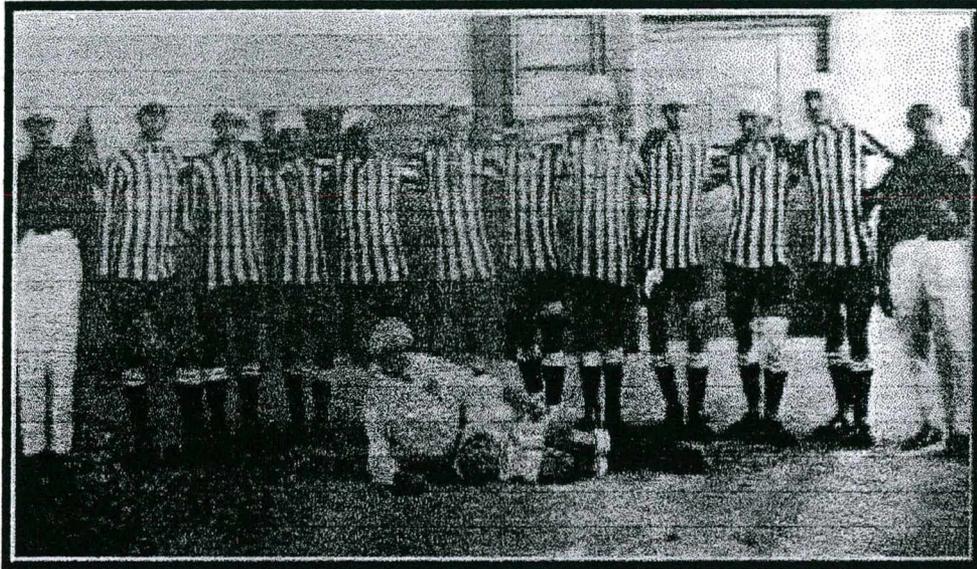
<sup>34</sup> Ver Anexo 07

Jorge Araújo Figueiredo, Domingos Joaquim Veloso, João Savas Siridakis, Carlito Honório Silveira da Silva, Leopoldo Silva, Raimundo Nascimento, Pedro Xavier, João S. Manoel Xavier, Alberto Moritz, Delgídio Dutra Filho, Agenor Póvoas, Joaquim Manoel Fraga, Pedro Francisco Neves e Walfredo Silva. Às 19:00 horas do dia 12 de junho de 1921, um domingo de outono, tem início a reunião de fundação da sociedade que tomou o nome de Figueirense Football Club.

Coube a Jorge Albino Ramos presidir a primeira reunião e por aclamação foram escolhidos os seguintes nomes para compor a primeira diretoria: Presidente - João dos Passos Xavier; Vice-Presidente - Heleodoro Ventura; 1º Secretário - Balbino Felisbino da Silva; 2º Secretário - Jorge Felisbino da Silva; 1º Tesoureiro - Jorge Albino Ramos; 2º Tesoureiro - Jorge Araújo Figueiredo; Orador - Trajano Margarida; Guarda Esporte - Higino Ludovico da Silva.

Empossada a diretoria, fez uso da palavra o Presidente eleito - João dos Passos Xavier, que inicialmente elogiou a idéia do Senhor Jorge Albino Ramos em liderar o movimento para a fundação do Figueirense Futebol Clube, no momento em que o futebol apresentava-se em decadência com o desaparecimento do Grêmio Anita Garibaldi. Agradeceu ao Senhor Ulisses Carlos Tolentino por ter liberado as dependências de sua residência, enaltecendo a presença de numeroso grupo de simpatizantes.

## 1.5 - O Avaí Futebol Clube



**Figura 14 - Avaí Futebol Clube - Time de 1924**

Na pequena capital de Santa Catarina, no ano de 1923, um esporte que até então era privilégio de uma elite começa aos poucos a se transformar em uma paixão de toda uma multidão. Qualquer terreno baldio, mais conhecido como várzea, e uma bola feita de meia, era o suficiente para que a diversão começasse.

Um desses lugares situava-se na rua Frei Caneca, no bairro da Pedra Grande, que hoje é o bairro da Agrônômica, onde um grupo de jovens enfrentava os campos improvisados e fazia uma festa aos domingos e feriados.

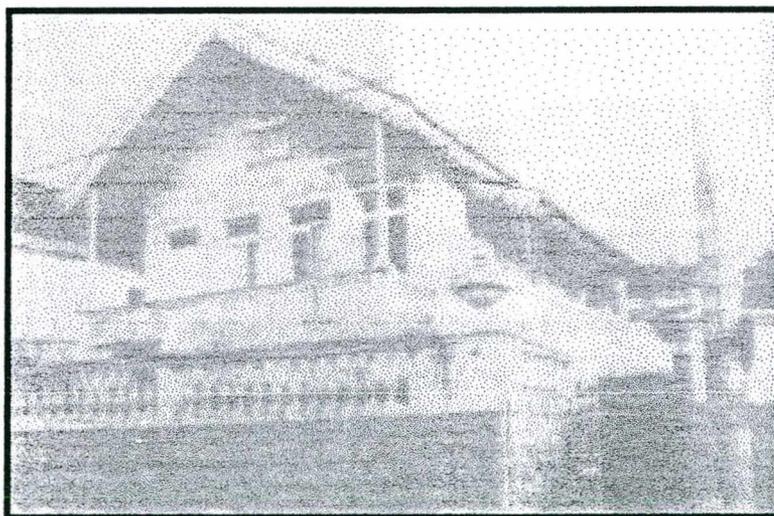
Mas para que o sonho se completasse ainda estava faltando alguma coisa, pois queriam ser como os grandes times de futebol, e, para tanto, precisavam ter também seus uniformes. "Um dia, o comerciante Amadeu Horn realizou o sonho da gurizada. De dentro de uma caixa, saíram as camisas listradas azuis e brancas,

calções e meias azuis, chuteiras e uma nova bola." <sup>35</sup> Agora, o sonho que parecia inatingível foi realizado.

Só faltava estrear em grande estilo o uniforme novo, o adversário escolhido, a invencível equipe do Humaitá <sup>36</sup>, seria uma prova de fogo, pois o Humaitá era considerada uma equipe forte e valente.

No dia marcado, o pequeno Campo do Baú, localizado no bairro da Pedra Grande, hoje rua Frei Caneca, ficou pequeno, tamanha era a quantidade de pessoas que estavam presentes. Mesmo jogando em más condições, como comenta o Sr. Osni Meira, "...lá o goleiro não via a outra trave e nem o ponteiro direito enxergava o ponta esquerda...." <sup>37</sup>, os garotos de Horn venceram. Infelizmente, os artilheiros desta histórica partida se perderam pelo tempo.

O Time do Humaitá não acreditou no que havia acontecido e, dizendo ter sido mera sorte de seu adversário, exigiu uma revanche. Foi marcada então uma nova partida, a qual o time comandado por Amadeu Horn novamente venceu.



**Figura 15 - Casa de Amadeu Horn**

---

<sup>35</sup> *Revista do Avaí*. Publicação comemorativa dos 75 anos do Avaí Futebol Clube. 1988. p. 24

Diante das duas vitórias obtidas pelos garotos de Horn, surgiu a idéia de formar um time, para poder disputar oficialmente as competições. A reunião para oficialização de tal ato aconteceu, como não podia deixar de ser, na própria residência de Amadeu Horn. " Quem chegava assinava o livro de atas. Apenas um assunto foi discutido: o time de futebol. O nome escolhido foi Independência e Amadeu Horn presidente." <sup>36</sup>

Mas, no desenrolar da reunião, surge Arnaldo Pinto de Oliveira, que não concorda com o nome sugerido para o time, pois acha que o mesmo é muito extenso, ficando sem graça na hora de motivar o time. Como Arnaldo estava a ler um livro sobre a história do Brasil, surgiu-lhe à mente a Batalha do Avaí, apresentou então a proposta do novo clube chamar-se Avaí, que de imediato foi aceita por unanimidade. Segundo o *Artigo 99 do Estatuto do Avaí Futebol Clube*<sup>37</sup>, são considerados Sócios Fundadores, os arrolados na nominata abaixo:

- *Amadeu Horn*
- *Alfredo Loureiro*
- *Plínio de Castro Madeira*
- *Artur Maestrini Filho*
- *Oswaldo do Herval*
- *Joel de Souza*
- *Enedino Rosa*
- *Acioli Vieira*
- *Waldemar Alves*

---

<sup>36</sup> O Humaitá, que surge em 1913, pelos bons resultados alcançados, fazia questão de ser identificado por sua torcida como O Invencível.

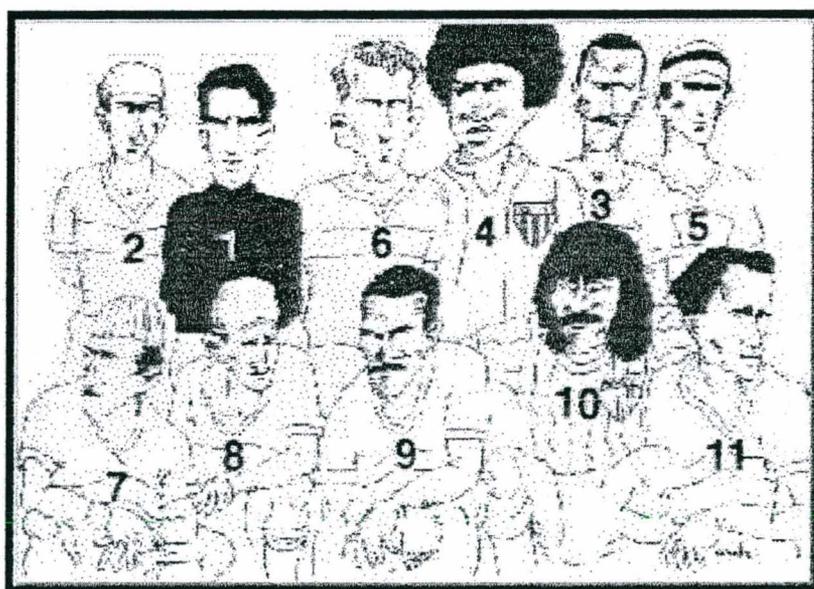
<sup>37</sup> MEIRA, Osni: Depoimento [set. 2000]

<sup>38</sup> *Avaí: 64 anos de história*. Revista comemorativa dos 64 anos do Avaí Futebol Clube. 1987. p. 5

- *Dr. Fernando Cleto Duarte*
- *Dr. Donato Mello*

Infelizmente, o registro oficial da reunião de criação do Avaí Futebol Clube desapareceu, possivelmente num incêndio ocorrido na sede do clube, ficando apenas registrado na memória das pessoas que participaram da mesma.

Ter um time dos sonhos é o grande desejo de todos os torcedores, mas para que isso fosse possível, seria necessário entrar numa máquina do tempo e viajar em busca dos melhores jogadores que um time já teve. Certa feita, para comemorar o aniversário de 64 anos do Avaí Futebol Clube, foi realizada uma pesquisa visando obter, pelo menos no papel, e na memória das pessoas, o que poderia ser o time dos sonhos do Avaí. Contando com a colaboração de ex-jogadores, dirigentes e cronistas esportivos, criou-se o time dos Sonhos que qualquer equipe catarinense gostaria de ter.<sup>40</sup>



**Figura 16 - Caricaturas dos melhores do Avaí**

<sup>39</sup> Avaí Futebol Clube. *Estatuto*. Cap. XI, art. 99. p. 23

<sup>40</sup> *Avaí: 64 anos de história*. Revista comemorativa dos 64 anos do Avaí Futebol Clube. 1987. p. 7

- 1 - **Adolfo**: Goleiro ágil, seguro e com muita categoria. Elegante e preciso na reposição de bola. Sempre jogou no Avaí, de 1942 a 1955.
- 2 - **Loló**: A habilidade não era sua maior virtude. Porém, era um excelente marcador. Além disso, seu chute era muito forte. Jogou no Avaí em 1942.
- 3 - **Fateco**: Era imbatível na bola alta. Antecipação perfeita e eficiente na marcação. Valente, era admirado pela torcida. Jogou no Avaí de 1942 a 1948.
- 4 - **Veneza**: Colocação, técnica e controle de bola foram as suas maiores virtudes. Fez muitos gols em cobranças de faltas. Jogou no Avaí em 1975 e 1976.
- 5 - **Procópio**: Volante habilidoso. Um grande reboteiro. Costumava surpreender os goleiros adversários com seus chutes de longa distância. Valente, costumava empurrar o time para o ataque. Jogou no Avaí de 1937 a 1942.
- 6 - **Beck**: Jogava na defesa. Foi um dos melhores jogadores de Santa Catarina. Clássico e guerreiro. Jogou no Avaí de 1941 a 1945. Hoje seria considerado um jogador moderno.
- 7 - **Felipinho**: Um velocista imarcável. Jogava a bola para frente e corria atrás. Seus chutes eram magníficos e seus cruzamentos perfeitos. Jogou no Avaí de 1942 a 1948.
- 8 - **Nizeta**: Um craque inesquecível, baixinho e com bom físico, driblava como ninguém. Jogou de 1938 a 1950.
- 9 - **Bráulio**: Extremamente criativo. Tinha uma visão de jogo privilegiada. Cerebral, um genial articulador de jogadas. Leal e corajoso. Hábil, um artilheiro incomum. Vestiu a camisa avaiana de 1942 a 1948.
- 10 - **Zenon**: Grande ídolo e jogador da seleção brasileira, um grande lançador, que dispensa maiores comentários. Jogou de 1973 a 1975 no Avaí.

11 - **Saul**: Um símbolo avaiano. Goleador, foi o quarto maior artilheiro estadual do país, marcando mais de 400 gols, jogando de 1939 a 1953.

Podemos observar que vários membros deste seleto grupo de jogadores, mesmo atuando numa situação de quase amadorismo, ou como já comentado anteriormente, de profissionalismo marrom, conseguiram alcançar uma admiração não só por parte destes jurados, mais principalmente perante a população de Florianópolis, o que lhes proporcionou além do prestígio, um bom emprego para garantir sua aposentadoria.

#### 1.6 – Avaí e Figueirense, uma eterna rivalidade

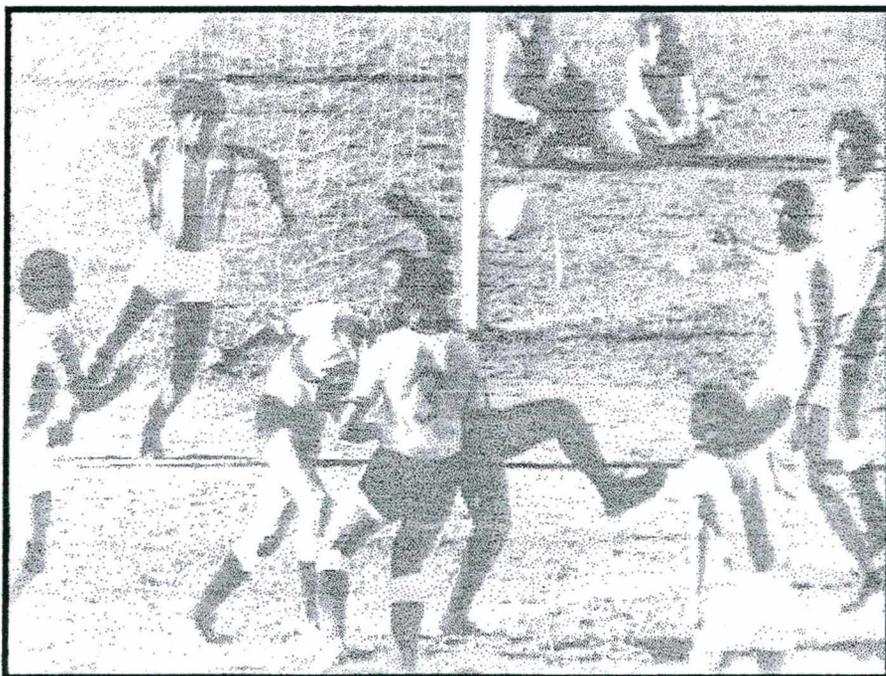


Figura 17 - Clássico entre Avaí e Figueirense 1970

Durante toda sua trajetória, o Avaí Futebol Clube<sup>41</sup> tem um eterno rival, o Figueirense Futebol Clube, que hoje tem como sede o bairro do Estreito, com quem disputa a admiração e a paixão dos moradores da cidade de Florianópolis e localidades vizinhas, onde até os dias de hoje contam com um grande número de torcedores.

No primeiro clássico entre Avaí e Figueirense, segundo o Sr. Joel de Souza, em 1924, o Avaí goleava por 3 a 0, quando, numa grande surpresa, o rival virou o jogo para 4 a 3.<sup>42</sup> A partir deste primeiro encontro, cada jogo realizado entre os dois times era disputado como se fosse uma final de campeonato, sendo comparado pela imprensa como um Fla-Flu Catarinense, como demonstra bem o jornal A Gazeta de 1946. "No próximo domingo, dia 12, o público esportivo da cidade assistirá ao grandioso prélio entre as queridas equipes do Avaí x Figueirense, dois acérrimos rivais do futebol catarinense."<sup>43</sup>

A disputa entre Avaí e Figueirense é acirrada, principalmente, em dois casos, o Torneio Início e o Campeonato da Cidade. Onde, através de décadas, o número de vezes que cada um dos times foi campeão, se alternava constantemente.

---

<sup>41</sup> É importante frisar que durante o período Vargas, com o intuito de nacionalizar a educação, foram abolidas algumas letras de nosso vocabulário, passado então o Avaí a ser escrito como Avai.

<sup>42</sup> FARIAS, Luiz Cláudio. Joel Vieira de Souza: Um craque campeão aos 90 anos. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 22 dez. 1996.

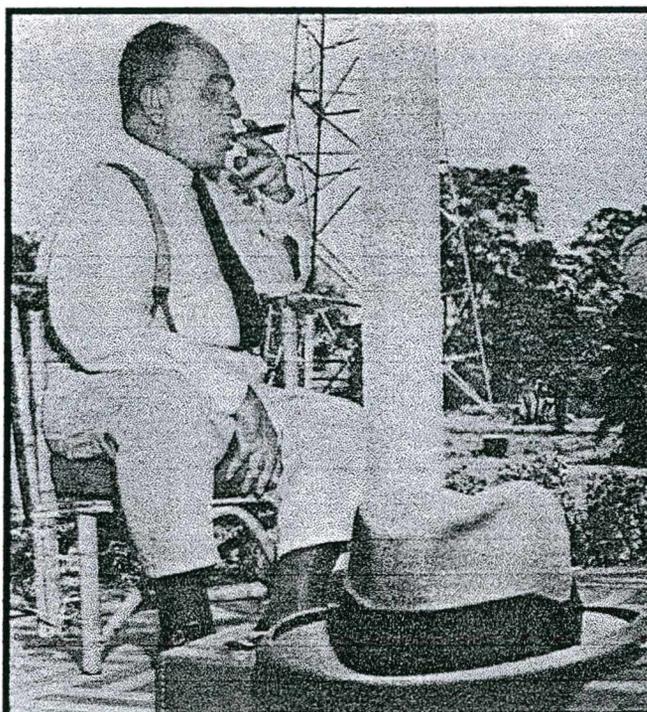
<sup>43</sup> O Fla-Flu Catarinense. *A Gazeta*. Florianópolis, 08 maio de 1946.

**Tabela 1 - Relação das Equipes Campeãs da L.S.C.D.T. – de seu início até 1969**

| <b>Ano</b> | <b>Torneio Início</b> | <b>Campeonato da Cidade</b> | <b>Campeonato Estadual</b> |
|------------|-----------------------|-----------------------------|----------------------------|
| 1924       | Figueirense           | Avaí                        | _____                      |
| 1925       | Avaí                  | Externato                   | _____                      |
| 1926       | Avaí                  | Avaí                        | _____                      |
| 1927       | Figueirense           | Avaí                        | Avaí                       |
| 1928       | Adolfo Konder         | Avaí                        | Avaí                       |
| 1929       | Adolfo Konder         | Adolfo Konder               | Caxias                     |
| 1930       | Adolfo Konder         | Avaí                        | Avaí                       |
| 1931       | Tamandaré             | C.A. Catarinense            | Lauro Muller               |
| 1932       | Figueirense           | Figueirense                 | Figueirense                |
| 1933       | Avaí                  | _____                       | _____                      |
| 1934       | C.A. Catarinense      | C.A. Catarinense            | _____                      |
| 1935       | C.A. Catarinense      | Figueirense                 | _____                      |
| 1936       | Avaí                  | Figueirense                 | _____                      |
| 1937       | Iris                  | Figueirense                 | Figueirense                |
| 1938       | Avaí                  | Avaí                        | CIP                        |
| 1939       | Tamandaré             | Figueirense                 | Figueirense                |
| 1940       | Iris                  | Avaí                        | Ipiranga                   |
| 1941       | Figueirense           | Figueirense                 | Figueirense                |
| 1942       | Avaí                  | Avaí                        | Figueirense                |
| 1943       | Avaí                  | Avaí                        | Avaí                       |
| 1944       | Avaí                  | Avaí                        | Avaí                       |
| 1945       | Caravana do Ar        | Avaí                        | Avaí                       |
| 1946       | Avaí                  | _____                       | _____                      |
| 1947       | Figueirense           | Paula Ramos                 | América                    |
| 1948       | Figueirense           | Paula Ramos                 | América                    |
| 1949       | Figueirense           | Avaí                        | G. E. Olímpico             |
| 1950       | Figueirense           | Figueirense                 | Carlos Renaux              |
| 1951       | Figueirense           | Avaí                        | América                    |
| 1952       | Bocaiúva              | Avaí                        | América                    |
| 1953       | Bocaiúva              | Avaí                        | Carlos Renaux              |
| 1954       | Paula Ramos           | Figueirense                 | Caxias                     |
| 1955       | Avaí                  | Figueirense                 | Caxias                     |
| 1956       | Paula Ramos           | Paula Ramos                 | C.A. Operário              |
| 1957       | C.A. Catarinense      | C.A. Catarinense            | Tamandaré                  |
| 1958       | Avaí                  | Figueirense                 | Hercílio Luz               |
| 1959       | Figueirense           | Figueirense                 | Paula Ramos                |
| 1960       | Avaí                  | Avaí                        | Metropol                   |
| 1961       | Figueirense           | Paula Ramos                 | Metropol                   |
| 1962       | Figueirense           | Paula Ramos                 | Metropol                   |
| 1963       | Avaí                  | Avaí                        | Marcílio Dias              |
| 1964       | _____                 | Paula Ramos                 | G. E. Olímpico             |
| 1965       | _____                 | Figueirense                 | E.C. Internacional         |
| 1966       | _____                 | C.A. Guarany                | G.E.R Perdigão             |
| 1967       | Tamandaré             | São Paulo                   | Metropol                   |
| 1968       | _____                 | C.A. Guarany                | Comerciário                |
| 1969       | _____                 | _____                       | Metropol                   |

Fonte: BORGES, op. Cit., p. 9 a 17

## 2 – O FUTEBOL AMADOR E SUA PROFISSIONALIZAÇÃO: DE VARGAS À REDEMOCRATIZAÇÃO



**Figura 18 - Getúlio Vargas - pioneiro na utilização da mídia em seu benefício**

Na medida em que o futebol ia se tornando cada vez mais popular, a forma pela qual ele era administrado tornava-se mais importante, quanto maiores eram as multidões que aderiam ao futebol, tanto mais a popularidade e a importância de um clube dependiam do desempenho de suas equipes de futebol. Os jogos tornaram-se

mais competitivos e os torcedores exigiam mais dos seus times. Partindo deste princípio, os diretores de clubes começavam a recrutar jogadores talentosos, não importando suas classes sociais.<sup>44</sup>

Segundo Helal, os dirigentes estavam atentos às pressões das massas e de como isso poderia afetar suas ambições políticas. Só assim, e às custas de seguidas vitórias, alguns poderiam manter sua autoridade política no clube e pensar em sua ascensão no quadro da política nacional.<sup>45</sup> O profissionalismo do futebol brasileiro, tem como data de início o ano de 1933, mas cabe aqui ressaltar que o processo de transição do futebol amador para o profissional foi lento e gradual. Segundo alguns autores, sua concretização, só acontece da década de 60, mas é no ano de 1976, que a profissão de jogador de futebol se torna oficialmente reconhecida, através da Lei n.º 6.354, de 2 de setembro de 1976 sancionada pelo então Presidente da República Ernesto Geisel.

Segundo Santos, durante o período compreendido como profissionalismo marrom, os melhores jogadores, recebiam bicho (um galo, 50 mil-réis, um peru, 100 e assim por diante), luvas, casa e comida, se necessário. Alguns deles, na década de 20, ficaram famosos por adoecerem em véspera de jogo importante, melhorando logo que um conselheiro abonado abrisse a carteira.<sup>46</sup> Esta ação de denominar os valores pagos em dinheiro a jogadores de futebol, como nomes de animais, é explicada pelo fato de ser "proibida" a remuneração do atleta de futebol,

---

<sup>44</sup> Oficialmente, de 1895 até 1932, o futebol era um esporte amador e elitista no país, que era praticado predominantemente pelos descendentes de ingleses e pelos filhos de "boa família". No entanto, desde 1915, alguns jogadores recebiam dinheiro de alguns sócios ricos dos clubes e, em 1917, os clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo começaram a cobrar ingresso dos espectadores. O dinheiro obtido era usado para cobrir os custos. Antes o custo desses equipamentos era coberto por doações regulares ou voluntárias de sócios, abrindo caminho para a profissionalização do futebol. O fato de alguns jogadores receberem dinheiro fez com que esse período fosse conhecido como "profissionalismo marrom". HELAL. p. 46

<sup>45</sup> HELAL, op. cit., p. 47

<sup>46</sup> SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do Futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981. p. 46

No ano de 1942, os clubes de futebol brasileiro atrelaram-se involuntariamente ao Governo Federal, isso ocorre como parte do programa centralizador do presidente Getúlio Vargas. Através do decreto lei 3.199, de 14 de abril de 1941, cria-se o *Conselho Nacional de Desportos* – CND – com o objetivo de orientar, fiscalizar e incentivar a prática de desportos no país. Segundo Helal, se por um lado a criação do CND pode ser vista positivamente ao colocar o futebol como algo relevante aos olhos daqueles que dirigem a nação, por outro, o CND era uma entidade governamental e sua missão era servir aos interesses políticos do governo.<sup>47</sup>

## 2.1 – Doações e favores aos Clubes de Futebol

Para muitos políticos brasileiros, a realização de projetos relacionados ao futebol lhes valem muito mais popularidade do que a realização de obras públicas importantes, pois a segunda exige um planejamento a longo prazo e um apelo para eleitores com uma mentalidade mais voltada para o futuro, enquanto a primeira surte efeitos de imediato. Segundo Lever, Carlos Lacerda, quando governador do Rio de Janeiro, manteve a preferência de seus eleitores ao aterrar parte da baía para construir o Parque do Flamengo, um dos poucos lugares públicos da cidade com a instalação de lugares para a prática de esportes, inclusive futebol.<sup>48</sup> Ainda segundo Lever, outro político que também utilizou da popularidade do futebol em seu benefício foi um ex-governador de Minas Gerais, Magalhães Pinto, que conseguiu

---

<sup>47</sup> Helal, op. cit., p. 50/51

<sup>48</sup> LEVER, OP.CIT., p. 91

ganhar muitos votos, além de imortalidade, ao construir o Estádio Magalhães Pinto, em Belo Horizonte, com capacidade para 100 mil espectadores<sup>49</sup>.

Doações e favores concedidos aos clubes podem ser usados para obter o apoio popular, em qualquer nível, local e nacional. O Presidente Dutra doou um terreno excepcional no centro do Rio ao Flamengo, o clube com apelo às massas. Poucos anos depois, no início da década de 1950, o Presidente Vargas concedeu ao clube um vultoso empréstimo, a juros baixos, a fim de que pudesse construir no terreno doado, um prédio de 24 andares, com vista espetacular da baía. O clube usa quatro andares para sua administração e recebe elevados aluguéis dos outros 20 andares. Os motivos políticos para tais generosidades são óbvios, melhorar sua imagem perante a população, contudo, há quem acredite que Dutra era um torcedor sincero do Flamengo, que usou a sua posição de poder para ajudar o clube amado a crescer e prosperar.

As doações diretas de políticos, a um específico clube de futebol, estão agora proibidas, mas a simples declaração de fidelidade (ao clube mais popular, é claro) ainda vale muitos votos, até mesmo nas grandes cidades modernas, como Belo Horizonte e Porto Alegre, usar a camisa de um determinado clube ajuda muito durante um comício. Os sentimentos pelo futebol, como os sentimentos primordiais em que estão baseados, são fáceis de explorar politicamente, porque as pessoas estão conscientes deles e consideram que são legítimos.

---

<sup>49</sup> LEVER, op. cit., p. 91



Figura 19 - Governador Espiridião Amim : representante avaiano

Em Florianópolis, essas doações de terras ou até mesmo de dinheiro público também ocorriam, Como comenta o Sr. Borges, o campo da Liga, que depois passou a se chamar Adolfo Konder, foi doado ao Avaí Futebol Clube, "aquilo ali desde quando surgiu o campo era da Irmandade do Senhor dos Passos, da irmandade passou para a Federação e a Federação passou para o Avaí, passou para o Avaí por que o Figueirense concordou, o Figueirense pegou 50 mil cruzeiros, do Estado, e o Estado concordou em passar o estádio para o Avaí."<sup>50</sup> O Dinheiro recebido pelo Figueirense do Governo do Estado, foi utilizado em benfeitorias na sede do clube localizado no bairro do Estreito.

Segundo Machado, no ano de 1954, a Federação Catarinense de Futebol presidida pelo Vereador Osni Mello, começou a movimentação para que o Avaí se tornasse proprietário do Estádio Adolfo Konder. É que o Governo do Estado,

<sup>50</sup> BORGES, Maury Dal Grande: Depoimento [set. 2000]

comandado pelo udenista Irineu Bornhausen, optara por fazer melhorias no estádio Orlando Scarpelli, campo do Figueirense.<sup>51</sup>

## 2.2 – Jogadores Carismáticos: Cargos Públicos – Empresas privadas

Uma outra forma de ajuda dos grupos políticos ligados aos clubes de futebol era através da inserção dos principais jogadores nos quadros funcionais de instituições públicas e de empresas privadas sobre seus controles.

A cidade de Florianópolis, dos anos 20, apesar de já contar com comércio variado, fábrica de bordados, fabrica de pontas Rita Maria, fábrica de gelo, entre outras, criadas através das mãos de Carl Hoepcke e depois continuadas por seu filho, Carlos Hoepcke Júnior. E de também contar com um porto por onde atracavam vários navios trazendo da Europa mercadorias de diversos tipos, como comenta Tancredo, os armazéns construídos junto ao porto, em local conhecido como Rita Maria, atraíram pessoas de todos os cantos.<sup>52</sup>, sendo uma capital de Estado, sua maior fonte de emprego e renda provinha do funcionalismo público.

Podemos dizer que, por sinal, ser funcionário público era um dos melhores empregos da época em Florianópolis. Como não existia também no futebol da Ilha, um profissionalismo tão grande como é hoje, onde os atletas conseguem se manter através de sua atuação nesse esporte, havia a necessidade dos próprios dirigentes políticos, que eram os mantenedores tanto do Avaí Futebol Clube quanto do

---

<sup>51</sup> MACHADO, OP. CIT., p. 144.

<sup>52</sup> TANCREDO, Luiz Henrique. *Doutor Deba: Poder e Generosidade*. Florianópolis: Insular, 1998. p. 21

Figueirense Futebol Clube, de conseguirem empregos para manter os melhores jogadores atuando em seus times.

Os principais beneméritos do futebol em Florianópolis eram grupos políticos, que aos poucos foram preenchendo os cargos administrativos principais nos clubes. Foi através dessas generosas contribuições, públicas e privadas, de figuras importantes da sociedade florianópolis, a única maneira de sobrevivência de um clube de futebol naquele momento. É o caso de Avaí e Figueirense, que segundo alguns autores e através de entrevistas concedidas, só conseguiram sobreviver até os dias de hoje, pelo fato de que em vários momentos difíceis eram auxiliados por grupos políticos que supriam os times de várias formas possíveis.

Diferentemente dos dias de hoje, onde muitos jogadores ganham salários milionários, a vida do atleta futebolista não era muito fácil, era quase que impossível um jogador de futebol conseguir sobreviver apenas pela prática de futebol, sendo necessário, às vezes, que o mesmo jogasse em vários times de uma vez. Uma das maneiras de tentar solucionar esse problema e transmitir uma certa estabilidade para o atleta, era fornecida pelos grupos políticos que patrocinavam os clubes. Eles empregavam os melhores atletas em cargos públicos ou em empresas das quais eram proprietários. Segundo Tancredo, Aderbal Ramos da Silva e Celso Ramos assistiam financeiramente não só ao Avaí Futebol Clube, mais também os seus jogadores eram beneficiados, através de empregos no Estado, na Federação das Indústrias e nas firmas Hoepcke, em todos os cantos do Estado.<sup>53</sup>

Um bom exemplo desta prática de clientelismo, tanto do PSD quanto da UDN, nos foi comentado pelo Sr. Maury Borges, quando de sua entrevista sobre o futebol em Florianópolis. Borges citou a figura do "Nego Baudino, que era uma pessoa semi-

---

<sup>53</sup> TANCREDO, op. cit., p. 120

analfabeta mais que jogava um bolão, e que jogou no Avaí durante um bom tempo. Hoje ele é aposentado como fiscal da Fazenda do Estado, graças à ajuda de Celso Ramos.”<sup>54</sup> Também no lado da UDN, ele acrescentou que “através da figura do Sr. Tomás Chaves Cabral que trabalhava no Imposto de Renda, e que tinha condições de empregar algumas pessoas, conseguiu arrumar emprego pelo menos para dois jogadores que atuavam no Figueirense no ano de 1955, o zagueiro cujo nome era Deodoro Trilha, e o lateral direito, que se chamava Walmor, ambos também acabaram se aposentando lá.”<sup>55</sup>



**Figura 20- Aderbal Ramos da Silva - peça chave no cenário catarinense**

---

<sup>54</sup> BORGES, Maury Dal Grande: Depoimento [set. 2000]

<sup>55</sup> BORGES, Maury Dal Grande: Depoimento [set. 2000]

Segundo o Sr. Osni Meira, personagem que viveu intensamente o cenário esportivo da época, “o PSD fornecia empregos aos jogadores do Avaí no nível estadual, enquanto a UDN empregava os atletas do Figueirense em cargos no âmbito federal.”<sup>56</sup> Também através de uma entrevista com o Sr. Tadeu Carioni, que tinha sua família durante muito tempo ligada ao quadro administrativo do Paula Ramos Esporte Clube, conseguimos uma relação de jogadores de Florianópolis que pelos seus dotes futebolísticos e pelo auxílio de alguns políticos conseguiram ser funcionários públicos:

*“Valério Mattos, jogador do Paula Ramos em 62 vai para o Figueirense Futebol Clube; foi o 1º Gerente da Caixa Econômica Estadual; Hélio Ramos, jogou no Paula Ramos, depois no Barroso de Itajaí, foi trazido pelo Valério para trabalhar na Caixa, a seguir foi gerente do Besc em Itajaí; Ailton Kalfetz, o Sombra, ele era funcionário do SAPS (COBAL), pelo Paula Ramos foi dado um emprego no SAPS, o SAPS era um armazém, que depois passou a ser COBAL, e então aí ele foi jogar no Marcílio em Itajaí, depois de ser campeão do Estado pelo Paula Ramos, e lá deram um emprego na Delegacia do Ministério do Trabalho; Nelinho, também jogava no Barroso, veio para o Figueirense, e deram um emprego para o Nelinho na Federação das Indústrias, onde se aposentou; Zilton também jogava no Figueirense foi empregado no Besc e também aposentou-se; O Calico, eu não sei como era o nome dele, ele foi levado para o Banco do Brasil, isso foi lá por 1943, ele jogava no Figueirense; O Procópio, que também jogava no Figueirense, só jogou no Figueirense, ele foi pro IAPC, que hoje é o INPS, INSS, e lá aposentou-se; Mossimam, goleiro da Seleção, ele foi levado pelo Carlos Renaux, que era da Federação das Indústrias, conseguiram pô-lo como funcionário da Receita Estadual, onde ele aposentou-se com o cargo de exator; - Cova, posto no Correio pelo seu Joel Souza, foi campeão em 23 pelo Avaí. Esse Joel foi diretor do Correio e ali ele botou vários jogadores; Otto foi levado para Fiscalização da Fazenda do Estado, isso lá por 1958 ele já estava lá; hoje já tá aposentado; Marreco, Vilmar Pinto de Lemos também*

<sup>56</sup> MEIRA, Osni: Depoimento [set. 2000]

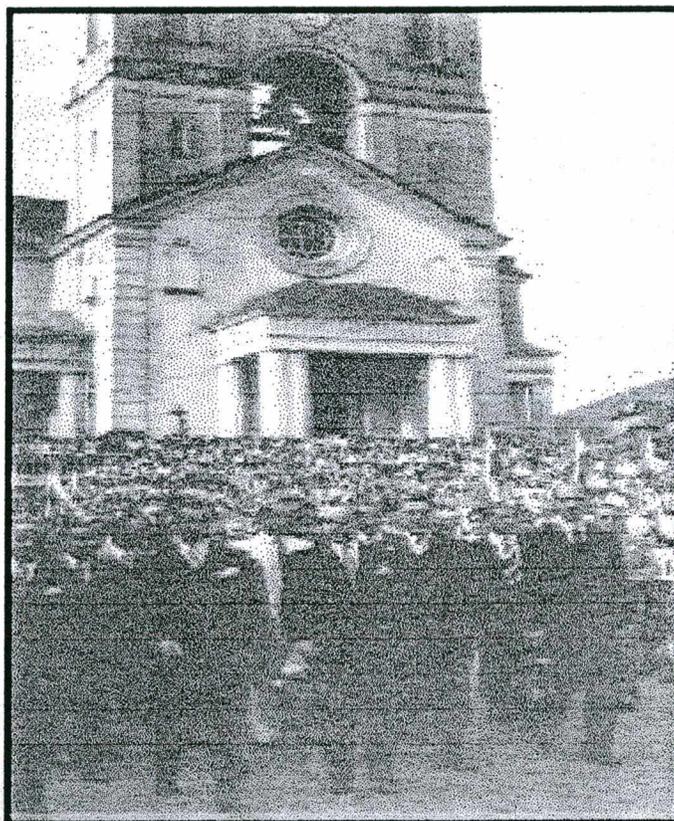
*levado do Avaí para Fiscalização da Fazenda para supervisor do Estado, hoje é aposentado; Papico que era um jogador razoável para baixo, jogou no Guarani, jogou no 2º time do Avaí que na época existia, aí ele foi levado também para o complexo financeiro do banco, era funcionário do tesouro; Adolfinho sempre trabalhou com o Dr. Celso Ramos na companhia florestal; Danda era funcionário da Receita Estadual; Saulzinho funcionário da Federação das Indústrias; Bolão, do Tesouro do Estado; Valmor era funcionário do departamento de saúde pública, quando ele saiu do Paula Ramos e foi para o Figueirense passou a ser funcionário da Receita Federal, foi esse o valor do passe dele; Jacó é funcionário da saúde pública aqui de São José; Jaime deram a ele um cargo no IAPC, Jaime Destri, na época IAPC, hoje é o INSS; Mafra que foi goleiro do Figueirense em 1954, ele também foi agraciado com um emprego federal; Trilha também foi para a receita; Julinho Camargo era funcionário estadual, eu não me lembro qual deles; Meireles, o cara foi funcionário do Banco do Brasil, depois teve que sair do Banco do Brasil a convite; depois delegado de polícia aposentado; Wilson, o ponteiro direito era do São José, veio para o Paula Ramos, para transferi-lo para o Figueirense, deram um emprego na Universidade Federal; o Carlinhos, que era o goleiro do Paula Ramos, foi convidado também para ser funcionário do Correio, na época tinha um cidadão com o nome de Bento Carioni, que mandava no Correio, então ele levou muitos para lá.<sup>57</sup>*

Através desta entrevista realizada com o Sr. Tadeu Carioni, podemos observar que parecia uma prática comum, durante um grande período na história do futebol em Florianópolis, a destinação de empregos no âmbito público ou privado, para os principais jogadores de Avaí e Figueirense. O emprego, neste caso, seria utilizado para que os atletas mais habilidosos e carismáticos permanecessem atuando no clube presidido pelo dirigente político. Que recebia pela campanha de seu time, a confirmação de sua liderança política perante a população.

---

<sup>57</sup> CARIONI, Tadeu: Depoimento [out. 2000]

### 3 – PARTIDOS POLÍTICOS: CABOS ELEITORAIS – FIDELIDADE E CLIENTELISMO



**Figura 21 - Vitória de Aderbal Ramos da Silva ao Governo do Estado em 1947**

No final de 1945, por decisão das Forças Armadas, Getúlio Vargas entrega o controle do Estado Novo a José Linhares. Já em Santa Catarina, o Interventor Nereu

Ramos é substituído por Luís Gallotti, ambos figuras do Poder Judiciário Federal. O quadro político, após 1945, segundo Lenzi, já era conhecido, pois as novas siglas partidárias tinham as mesmas características das agremiações anteriores, repetindo as velhas lideranças, apenas com a inserção de algumas novas, também representantes do sistema dominante.<sup>58</sup>

No período de dezembro a junho de 1947, os brasileiros vão às urnas para escolher seus representantes no âmbito Federal, Estadual e Municipal. O general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra do Estado Novo, é eleito Presidente da República, e, em Santa Catarina, o Partido Social Democrático, mostrando toda a sua força, elege a figura de Aderbal Ramos da Silva ao Governo do Estado, além de também eleger os três senadores, sete dos nove deputados federais, vinte e um dos trinta e sete deputados estaduais e trinta e oito dos 43 prefeitos municipais.<sup>59</sup>

Durante um longo período da história política de Santa Catarina e também de Florianópolis, a disputa política pelo poder ficou basicamente limitada a dois grupos que disputavam entre si os pleitos eleitorais aqui realizados. Eram eles, o Partido Social democrático – PSD, e a União Democrática Nacional – UDN. Neste período, compreendido como de redemocratização (1946 a 1964), a cidade de Florianópolis ficou dividida entre esses dois grupos políticos, divisão esta representada em todos os campos, chegando a tal ponto de existirem lugares específicos onde os simpatizantes de um ou de outro partido denominavam como seus.

---

<sup>58</sup> LENZI, Carlos Alberto Silveira. Partidos e Políticos de Santa Catarina. Florianópolis: Ed. UFSC, 1983. p. 133

### 3.1 - O Partido Social Democrático – PSD

O PSD foi organizado por Getúlio Vargas, tendo como base de sustentação a estrutura montada através das interventorias criadas durante o Estado Novo. Durante todo o período de redemocratização do país, o PSD foi em sua maioria o partido eleitoralmente mais forte. Em Santa Catarina, a origem do PSD está ligada à Aliança Liberal, uma dissidência do Partido Republicano catarinense, que foi estruturado em torno da figura do Interventor Nereu Ramos. Segundo Carreirão, o PSD foi durante toda a sua existência um partido controlado pela oligarquia Ramos, originária de Lages.<sup>60</sup>

Ainda a respeito da organização do PSD catarinense, Piazza apresenta um dado interessante, no final do mês de fevereiro de 1945, Nereu Ramos foi à Capital Federal onde participou das articulações em torno da organização partidária. Encontra-se com o presidente Getúlio Vargas, no Palácio Rio Negro, em Petrópolis. No início de março, regressando a Florianópolis, traz consigo o esquema para a organização do Partido Social Democrático no Estado. Em 28 de abril, o Interventor divulgou uma comunicação, marcando a data de 12 de maio para a realização da convenção para composição do PSD.<sup>61</sup>

---

<sup>59</sup> KLEIN, Célio. Redemocratização sob medida. *Diário Catarinense*, Florianópolis, 30 de abr. 1999. Santa Catarina 100 anos de História. p. 1

<sup>60</sup> CARREIRÃO, op. cit., p. 39

<sup>61</sup> PIAZZA, Walter F. *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

### 3.2 - A União Democrática Nacional - UDN

Segundo Carreirão, a UDN foi formada como uma ampla frente de oposição ao governo de Getúlio Vargas, composta inicialmente por cinco tipos de grupos: 1) os membros das oligarquias destronados a partir de 1930; 2) os antigos aliados de Getúlio que se sentiram marginalizados ou traídos; 3) os que participaram do Estado Novo, mas romperam com Getúlio ou com as forças locais situacionistas de 1945; 4) os liberais no Estado; 5) setores de esquerda, que saíram logo a seguir à criação da UDN.<sup>62</sup>

A UDN em Santa Catarina, nasce como meta básica, a derrubada de Vargas, em nível nacional e a retomada do poder, em nível local. Em relação ao controle partidário, há durante a evolução do partido, segundo Carreirão, um deslocamento da liderança das mãos de Adolfo Konder para Irineu Bornhausen.<sup>63</sup>

Esses dois grupos oligarquicos, *Konder/Bornhausen* e *Ramos*, detinham o controle do poder político em Santa Catarina, segundo Martins, os grupos oligarquicos se apoiam na instituição da representação política como uma espécie de gargalo na relação ente a sociedade e o Estado. Não só os pobres, mas todos os que, de algum modo, dependem do Estado, são induzidos a uma relação de troca de favores com os políticos.<sup>64</sup>

---

<sup>62</sup> CARREIRÃO, apud. Benevides, p. 32/33

<sup>63</sup> CARREIRÃO, op. cit., p. 41

<sup>64</sup> MARTINS, op. cit., p 29

### 3.3 - A força dos Cabos Eleitorais

Além dos grandes comícios realizados no centro da cidade, uma prática muito comum era a realização de pequenos comícios nas comunidades, organizados pelos cabos eleitorais. Nestes momentos, o candidato passava por várias situações constrangedoras, como comenta a senhora Maria de Lurdes, "nós marcávamos o comício, eles compareciam, escutavam, comiam churrasco, bebiam cachaça, tomavam cafezinho com gosto de barata, mas tomavam e diziam que estava bom. Eles (o povo) tiravam lá de dentro dos armários aquela louça guardada e não passavam nem uma água quente nem nada, e diziam que era muito bom."<sup>65</sup>

Naquele momento da política brasileira, era fundamental para o político obter a fidelidade da população, pois, sem esse artifício, sua vitória poderia não acontecer. A fidelidade do eleitor era disputada a cada momento, pois, segundo Paulo Brito, naquele momento a fidelidade era quase como uma questão de honra, para a população, que quando era fiel a uma determinada coisa estendia esta fidelidade a outros setores como a política, o futebol, a rádio e aos jornais. Brito comenta uma situação vivida por ele em sua infância, que ficou marcada em sua memória até os dias de hoje, estava ele na casa de uma tia, quando ao tentar sintonizar uma outra estação de rádio para ouvir um programa esportivo recebeu um tapa na mão e ouviu de sua tia a seguinte frase: Aqui nesta casa só se escuta a Rádio Guarujá<sup>66</sup>.

Este pequeno fragmento da memória de Brito, demonstra muito bem que a população de Florianópolis era muito ligada ao conceito de fidelidade, onde na sua

---

<sup>65</sup> AQUINO, Maria de Lurdes Fernandes: Depoimento [jul. 2000]

<sup>66</sup> BRITO, Paulo: Depoimento [jun. 2000]

maioria, toda uma família unia-se em torno de um ideal, seja ele político, esportivo ou literário.

Neste sentido, o trabalho pela conquista de voto tinha nos cabos eleitorais uma força fundamental, pois sendo eles pessoas de prestígio nos locais onde viviam, tinham o respeito da população e o livre acesso perante os grupos políticos para realizar suas barganhas eleitorais. Ao apoiarem um determinado partido, e este sendo vitorioso nas eleições, a força do cabo eleitoral em sua região aumenta, trazendo assim benefícios para si e para sua comunidade. Formando-se assim laços de clientela entre a população e os políticos através das mãos do cabo eleitoral.

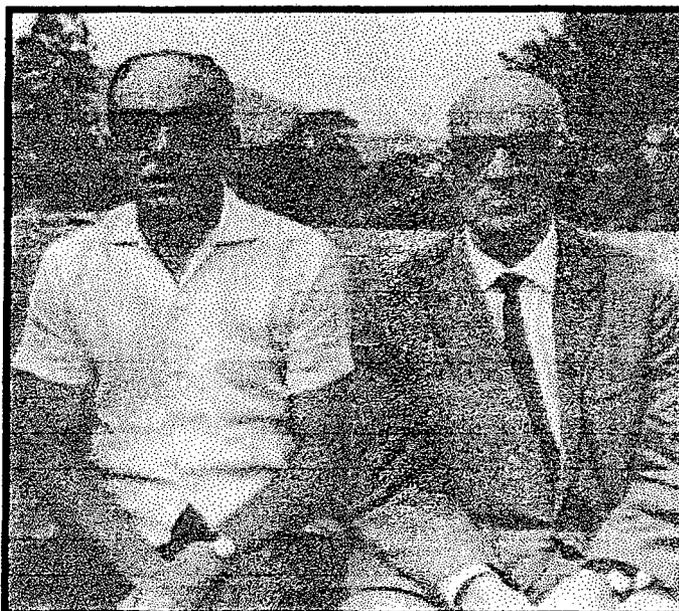
Segundo Maria de Lurdes, “nos lugares mais afastados da cidade, nos distritos, eram os chefes dos distritos, o presidente da Congregação, da igreja, o presidente da congregação comunitária. Os cabos eleitorais tinham que ser pessoas muito ativas e muito simpáticas, pois, o nosso caboclo é muito desconfiado, ele não bota os dois pés para frente, tem sempre um pé atrás, a gente tem que lidar com eles e conquistar, para ele botar os dois pés para frente, para decidir.”<sup>67</sup>

Ainda com a ajuda da entrevista da senhora Maria de Lurdes, podemos demonstrar que a força do PSD nas regiões mais afastadas da cidade era conseguida, principalmente, através das figuras dos Intendentes.

*“Na comunidade do Rio Vermelho, a figura principal era o seu João Gualberto, superintendente da localidade por vários anos, depois seu filho ficou na intendência; nos Ingleses era o Zé Fernandes que era o manda-chuva, o intendente, o cabo eleitoral, o político do lugar, já Canasvieiras era o Chico Camarão, que sabia quantos votos dava, tinha tantos votos e quando abria a urna tinha tantos votos para o PSD. No Ribeirão, daquela zona Ribeirão, Costeira, Alto Ribeirão, era dona Chiquinha e o Funga-Funga, como era conhecida a figura de Antônio Antunes da Cruz, que foi intendente por muitos anos, quase 30 anos de intendência. O Funga-Funga tinha um*

<sup>67</sup> AQUINO, Maria de Lurdes Fernandes: Depoimento [jul. 2000]

*poder muito grande perante a população de sua comunidade, chegando ao ponto de anunciar com precisão a quantidade de votos que um determinado político receberia na sua comunidade, quando falava que ia dar 527 votos para o PSD, não dava 528 e nem 526, era 527.”<sup>68</sup>*



**Figura 22 - Funga- Funga ao lado de Aderbal Ramos da Silva**

A UDN também tinha seus cabos eleitorais, que como os do PSD eram as pessoas de influência da região. Neste contexto, a disputa por votos em Florianópolis era uma verdadeira guerra, para ver quem tinha mais força política. No interior da ilha, na grande maioria, a população era muito pessedista, já no centro de Florianópolis era mais udenista, quem garantia as eleições do PSD era o interior da ilha e os morros da capital. Nos morros de Florianópolis, a figura da Sra. Maria de Lurdes Aquino era a força do PSD na região. Ela trabalhava, o ano inteiro, desde o morro do Mocotó até o morro da Penitenciária, e como comenta com satisfação, “não perdia uma, deu Celso, eu ganhei todas as umas de boca de morro, todas.”<sup>69</sup>

<sup>68</sup> AQUINO, Maria de Lurdes Fernandes: Depoimento [jul. 2000]

<sup>69</sup> AQUINO, Maria de Lurdes Fernandes: Depoimento [jul. 2000]

Sobre a questão do clientelismo, Dittrich aponta um dado muito importante obtido a partir de questionários respondidos por deputados estaduais catarinenses, onde observa-se que para oitenta e cinco por cento (85%) dos deputados, a figura do cabo eleitoral era muito importante, pois, de acordo com as declarações dos deputados entrevistados, os favores prestados pelos cabos eleitorais aos eleitores eram financiados, em 1º lugar, pelo candidato que o cabo eleitoral apoiava, e, em 2º lugar, às expensas do próprio cabo eleitoral <sup>70</sup>.

Segundo Dutra, os Intendentes estavam a serviço dos “caciques políticos” de Florianópolis e influenciavam, no processo eleitoral, pois, constituíam-se na liderança distrital a quem as populações acorriam buscando ajuda para as suas necessidades e na medida em que as pessoas mais se aproximavam do intendente, a sua influência tendia a crescer, conseqüentemente, o poder dos políticos com acesso ao líder distrital consolidava-se. <sup>71</sup>

Também para os vereadores, ter a presença de um cabo eleitoral permanente a seu serviço, nos distritos da Ilha, representaria dividendos eleitorais, pois era ao Intendente que a população recorria solicitando ajuda.

---

<sup>70</sup> DITTRICH, Regina Iara Regis. *O Deputado catarinense: Assembléia Legislativa no período de 1947 a 1965*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1981. p. 89

<sup>71</sup> DUTRA, Ricardo Aldo. *Florianópolis: A Organização Político-Administrativa – A Intendência Distrital (1889-1922)*. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC.1995. p. 71

#### **4 – ESTRATÉGIAS ELEITORAIS: A RELAÇÃO ENTE O FUTEBOL E A POLÍTICA**

Florianópolis, em se tratando das práticas clientelistas, há várias citações na literatura e na imprensa, sobre a utilização da máquina administrativa em benefício próprio, como comenta Carreirão, parece razoável supor que a prática política do Partido Social Democrático, como também da União Democrática Nacional, utilizou-se de mecanismos clientelistas acionados, seja pela força da máquina administrativa do Estado seja pela força do poder econômico. Além disso, o comando da máquina foi utilizado como instrumento de pressão junto a funcionários públicos.<sup>72</sup>

Esses políticos não faziam tantos favores a determinados times de futebol somente pelo fato de gostarem desse esporte, e por esse motivo ajudavam em qualquer dificuldade para que o mesmo continuasse existindo. Havia uma outra razão, não tanto apaixonante como o esporte, mas essencial para a carreira política, conquistar os votos dos torcedores e principalmente a fidelidade dos amantes do futebol.

---

<sup>72</sup> CARREIRÃO, Yan de Souza. *Eleições e Sistema Partidário em Santa Catarina (1945-1979)*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1990.

No Brasil, segundo Lever, os políticos têm em muito estimulado o desenvolvimento do esporte, construindo estádios, auxiliando os clubes financeiramente, entre outros. Em contrapartida, o esporte tem ajudado certos políticos a projetarem sua popularidade, contribuindo para a conquista de votos.<sup>73</sup>

Segundo o Sr. Fernando Linhares, "os políticos de Florianópolis, aos poucos foram descobrindo que o futebol era bom para divulgar, era uma maneira de mexer com o povo, pois, ele congrega e reúne muito público e isso era um prato cheio para os políticos."<sup>74</sup>

*"Tem uns políticos aí que foram presidentes de clube que nem sabiam o que é que o clube era, mas foram presidentes, os outros faziam as coisas, mas ele era o presidente, ele saía no jornal. Eu sei a história de um presidente aqui, uma vez era um político, ele era o presidente do Paula Ramos e jogou com o Atlético, os dois eram tricolores, e ele estava torcendo no alambrado feito um louco, até que bateram nas costas dele e disseram: presidente seu time é o outro, ele estava torcendo e não sabia as cores do seu time."<sup>75</sup>*

A partir de 1946, a visão de que o futebol, sendo um aglutinador de paixões, poderia servir de palanque para disputas eleitorais, fica bem caracterizada em Florianópolis, onde a hegemonia no poder ficava centralizada na figura de dois grandes partidos políticos, o Partido Social Democrático e a União Democrática Nacional, que aos poucos foram compondo o quadro dirigente tanto do Avaí Futebol Clube como do Figueirense Futebol Clube. Os próprios jornais da época, que por sua vez eram também atrelados politicamente, tanto ao PSD quanto à UDN, que

---

<sup>73</sup> LEVER, op. cit., p. 87

<sup>74</sup> SILVA, Fernando Linhares da: Depoimento [jun. 2000]

<sup>75</sup> SILVA, Fernando Linhares da: Depoimento [jun. 2000]

conferiam rasgados elogios a políticos locais, também demonstravam em suas linhas esta inserção de grupos políticos ao futebol de Florianópolis.

A utilização e o controle dos meios de comunicação por parte dos grupos que detinham o poder político em Florianópolis era uma outra estratégia muito importante para poder alcançar e manter-se no poder. Através desses meios de comunicação, tanto o PSD quanto a UDN manipulavam as informações de acordo com suas necessidades, tanto para enaltecer as qualidades de seus feitos, quanto para espezinhar seus opositores.

No caso do PSD, desde o início de sua formação, o partido contou quase como órgão oficial, com o jornal *A Gazeta*, de Florianópolis, até o ano de 1951. A partir desta data, o jornal *A Gazeta* passa a defender as posições da UDN, a qual havia conquistado o governo estadual. Segundo Carreirão, *A Gazeta* era um jornal "governista "(qualquer que fosse o governo)".<sup>76</sup>

Além de possuir o jornal *A Gazeta* por um longo período, o PSD também trata de adquirir o jornal *O Estado* e de fundar a rádio *Guarujá*, para que juntos formassem uma sólida estrutura propagandista. Mas isso só foi possível através do poder econômico de Aderbal Ramos da Silva.

O principal órgão de divulgação dos udenistas, foi o *Diário da Tarde*, fundado por Adolfo Konder em 1945, e também o jornal *A Gazeta*, que a partir do primeiro ano do governo de Irineu Bornhausen, no ano de 1951, passa a ser quase que um porta-voz do partido. Ainda no governo de Irineu Bornhausen, a UDN também adquire a rádio *Diário da Manhã*.

Este período da história política catarinense ficou conhecido como a oligarquia dos Konder-Bornhausen. Que utilizaram de todos os mecanismos de clientelismo para deter para si o controle do partido udenista, como descreve Laus.

*“ No caso específico da UDN, a dominação exercida pela oligarquia Konder Bornhausen, sobre o partido, foi possível, na medida em que elementos do clã foram mantidos em postos estratégicos tanto nos diretórios quanto em cargos eletivos e/ou administrativos, nos quais estabeleciam uma vasta cadeia clientelística que sustentava sua dominação”.<sup>77</sup>*

A relação que existia entre a imprensa e a política local, fica muito bem caracterizada nos dois anúncios que seguem, onde pode-se observar claramente como eram enaltecidos dois personagens políticos, e sua relação com o esporte perante a população de Florianópolis.

*“Conforme é do conhecimento de todos, o Grêmio Estudantil Catarinense organizou uma excursão de atletas estudantis, a qual tomou o nome de Caravana desportiva – Dr. Aderbal Ramos da Silva. Essa caravana, é bom lembrar, excursionou à cidade de Laguna, em princípios de novembro último, regressando vitoriosa em todos os pontos de vista. Agora passando o tempo de vibração cívica, com a realização das eleições presidenciais, voltam à atividade os responsáveis pelo Grêmio Estudantil Catarinense, e já resolveram retribuir o incentivo e a cooperação dos nossos bons desportistas aquela grandiosa excursão. Assim é que farão realizar dia 17 um jantar de confraternização, que será oferecido a seu patrono. Dr. Aderbal Ramos da Silva.”<sup>78</sup>*

*“O simpático clube futebolístico de nossa capital, o Figueirense F. C., que tantas glórias tem trazido para o seio do futebol barriga-verde, acaba de eleger a sua nova diretoria, que como as anteriores, há de trabalhar pelo alevantamento esportivo de nossa terra. Como dirigente de seu Conselho Deliberativo, vem ser eleito o Sr.*

---

<sup>76</sup> CARREIRÃO, op. cit., p. 40

<sup>77</sup> LAUS, Sônia Pereira. A UDN em Santa Catarina (1945 – 1960). Dissertação de Mestrado em História, UFSC, Florianópolis, 1985. p. 302

<sup>78</sup> A Caravana Desportista Dr. Aderbal Ramos da Silva. A Gazeta. Florianópolis, 12 de janeiro de 1946.

*Oswaldo Bulcão Vianna, grande amigo do esporte de nossa capital.*<sup>79</sup>



**Figura 23 - Oswaldo Bulcão Vianna - um dos símbolos da UDN**

Segundo a Sr.<sup>a</sup> Maria de Lurdes, "... o Oswaldo Bulcão Vianna, que era advogado e udenista, foi diretor do Figueirense em 1945, pouco depois se elegeu deputado pela UDN."<sup>80</sup> Além de Bulcão Vianna, vários outros ilustres da política de Florianópolis, pertenciam à diretoria dos dois clubes de Futebol, que detinham para si a paixão dos moradores da cidade.

Realizando uma análise comparativa entre os presidentes dos clubes Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube, entre as décadas de 40 a 60, e a

---

<sup>79</sup> Figueirense F.C. A Gazeta. Florianópolis, 19 de janeiro de 1945.

<sup>80</sup> AQUINO, Maria de Lurdes Fernandes: Depoimento [jul. 2000]

relação de Vereadores e Deputados em Florianópolis, no mesmo período, podemos observar que grande parte da diretoria do Avaí Futebol Clube e Figueirense Futebol Clube, era composta por Vereadores e Deputados Estaduais, e que além destes, também destacaram-se figuras de influência política no âmbito estadual. Como é o caso do Dr. Aderbal Ramos da Silva, que foi Governador do Estado de Santa Catarina, Presidente da Federação Catarinense de Futebol e um dos principais mantenedores do Avaí Futebol Clube. A tabela a seguir apresenta alguns dos presidentes do Avaí Futebol Clube e do Figueirense Futebol Clube e de seus respectivos cargos políticos. É preciso mencionar que todos os presidentes de clubes tiveram que primeiramente ter tido uma participação ativa nos quadros administrativos dos clubes e mesmo depois de seus nomes não aparecerem mais, continuam mantendo uma participação.

**Tabela 2 - Relação de Políticos ligados a Clubes de Futebol**

| <b>Nome do Presidente</b> | <b>Clube/ período</b>                                   | <b>Cargo político/ período</b>                       |
|---------------------------|---|--|
| João Batista Bonassis     | Avaí – 1949 e 1969                                      | Vereador – 1947                                      |
| Osny Maynoldi Ortiga      | Figueirense – 1934 a 1935<br>1941 a 1942<br>1950 a 1951 | Vereador – 1947                                      |
| Antônio Paschoal          | Figueirense – 1938                                      | Vereador – 1951 a 1955                               |
| Apóstolo                  |   | 1955 a 1959  |
| Miguel Daux               | Avaí – 1951 a 1952                                      | Vereador – 1951 a 1955                               |
| Baldicero Filomeno        | Avaí - 1957   | Vereador – 1955 a 1959<br>1959 a 1963<br>1963 a 1967 |

|                          |                                   |                                       |
|--------------------------|-----------------------------------|---------------------------------------|
| Celso Ramos              | Avai – 1941 a 1946                | Governador – 1961 a 1966              |
| Celso Ramos Filho        | Avai – 1954 a 1957                | Deputado – 1967 a 1970                |
| Raul Schaeffer           | Figueirense – 1948 a 1949         | Deputado – 1947 a 1950<br>1959 a 1962 |
| Humberto Machado         | Figueirense – 1955 e 1961         | Deputado – 1963 a 1966                |
| Fernando Caldeira Bastos | Avai – 1964 a 1966<br>1972 a 1973 | Deputado – 1967 a 1970<br>1971 a 1974 |

Uma outra maneira de um político se destacar perante a população, era através de sua inserção no cargo de presidente da Federação Catarinense de Futebol – Antiga L.S.C.D.T.. Como vemos na tabela abaixo, vários políticos compuseram o quadro de presidentes da federação. Fazendo isso como uma forma de demonstração de poder ou, principalmente, de utilizar-se do cargo como um trampolim para conquistar um pleito eleitoral.

**Tabela 3 - Relação de Políticos ligados à Federação Catarinense de Futebol**

| <b>Gestão</b> | <b>Nome do Presidente</b> | <b>Cargo Político/ Período</b>                        |
|---------------|---------------------------|---|
| 1930 e 1935   | Pedro Lopes Vieira        | Prefeito 1945 – 1947<br>Deputado Estadual 1947 – 1950 |
| 1931          | Henrique Rupp Júnior      | Deputado Estadual 1935 - 1937                         |
| 1937 – 1938   | João Alcântara da Cunha   | Deputado Estadual 1913 - 1915                         |
| 1938          | Celso Fausto de Souza     | Deputado estadual 1935                                |
| 1939 – 1947   | Aderbal Ramos da Silva    | Deputado Estadual 1935 – 1937<br>1947 – 1950          |

|             |                  |                   |             |
|-------------|------------------|-------------------|-------------|
|             |                  |                   | 1955 – 1958 |
|             |                  | Governador        | 1947 – 1951 |
| 1948 – 1951 | Flávio Ferrari   | Vereador          | 1951 – 1955 |
| 1951 – 1970 | Osni Mello       | Vereador          | 1951 – 1955 |
| 1955        | Humberto Machado | Deputado estadual | 1963 - 1966 |



**Figura 24 - Aderbal Ramos da Silva em visita à sede do Avaí F. C.**

Esta relação entre futebol e política acabava às vezes até se confundindo no cotidiano da sociedade. Como comenta a Sr.<sup>a</sup> Maria de Lurdes, quem morava nas regiões do interior da Ilha, ao ser perguntado por qual time torcia, a resposta vinha de imediato: “O time do Dr. Deba”. Dr. Deba era o Dr. Aderbal Ramos da Silva, pessedista importante no cenário estadual e torcedor absoluto do Avaí Futebol Clube, eles não sabiam nem o nome do time, só sabiam que era o time do Dr. Deba.

Geralmente quando o PSD estava por cima, eles faziam muita coisa pelo Avaí e vice-versa, quando a UDN estava no poder fazia muito pelo Figueirense.”<sup>81</sup>

Durante o período compreendido entre o fim do Estado Novo, no ano de 1945 e o golpe militar de 1964, o cenário brasileiro vive um momento de redemocratização da política. Neste momento, o político que almejava uma vitória num pleito eleitoral, precisaria conquistar a confiança e a simpatia do eleitor, numa disputa voto a voto. Uma das maneiras mais efetivas de aglutinação de votos era através dos cabos eleitorais, figuras que serviam de elo entre a população e os grupos dirigentes. Outra maneira de se apresentar perante a população, era através dos comícios públicos, que, segundo algumas pessoas, era uma ocasião esperada e apreciada por toda a população. Fernando Linhares, descreve bem o cenário da época.

*“Os comícios em praça pública eram fabulosos, por que não tinha essa coisa de transmissão direta pela televisão, que o cara vai lá e faz um comício para milhões de pessoas, mas antigamente era na praça pública. Então se fazia aquele palanque, e vários moradores se combinavam, era uma beleza, o comício geralmente era no Largo do Fagundes, o do PSD, e da UDN o era ali perto na Praça do Teatro. No caso do PSD, com Nereu Ramos, que era um baita de um orador, e depois tinha a UDN, do Irineu Bornhausen.”<sup>82</sup>*

Utilizando-se da observação de que a população de Florianópolis tinha um vínculo muito grande com o ideal de fidelidade, os políticos começam a transmitir uma idéia de que eles eram também como o povo, pois iam aos estádios assistir e torcer junto da população pelo seu time preferido. Só que estes políticos, quando

---

<sup>81</sup> AQUINO, Maria de Lurdes Fernandes: Depoimento [jul. 2000]

<sup>82</sup> SILVA, Fernando Linhares da: Depoimento [jun. 2000]

vão aos estádios, não chegam quando o mesmo está vazio, eles esperam até que as arquibancadas estejam completamente lotadas para aparecer perante a população como um torcedor fiel ao seu time do coração, e uma estratégia política que com certeza pode lhe beneficiar em muito.

Esta estratégia política de utilizar do espetáculo do futebol para funções políticas, não é uma característica somente da política em Florianópolis, o próprio Getúlio Vargas a utilizava com frequência. Segundo Santos, em 1950, Getúlio Vargas voltou ao poder, eleito pela primeira vez e assentou seu governo em três antigas pilastras: a industrialização, o nacionalismo e o trabalhismo. Nacionalismo e trabalhismo eram políticas de massa, a exigirem pontes de ligação com o povo. Uma dessas pontes era o futebol, e o local preferido era São Januário, o campo do Vasco da Gama, que tornou-se seu palco preferido para encontros com a massa, como no dia 1º de maio de 1954, onde conclamou naquela tarde aos trabalhadores: "Hoje estais com o governo. Amanhã sereis o governo".<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> SANTOS, *op. cit.*, p. 60

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao chegarmos ao final deste trabalho, podemos constatar que durante o período de redemocratização da política brasileira, a relação entre o futebol e a política de Florianópolis estavam muito ligadas. Observamos que um grande grupo de políticos utilizava-se do futebol como um meio de divulgação de sua imagem perante a população, em especial, aos admiradores desse esporte.

Isto dava-se, através de sua inserção nos quadros administrativos dos clubes de futebol, e na própria Federação Catarinense de Futebol, entidade máxima do futebol catarinense. Uma outra maneira dos políticos demonstrarem seu poder, através do futebol, era com a criação de uma equipe forte, e principalmente, tendo no seu elenco jogadores que detinham a admiração de grande parte da população. A forma de possuir uma equipe forte, só era possível através da inserção destes jogadores em órgãos públicos ou privados sobre o controle de grupos políticos mantenedores dos clubes, em troca de sua atuação nos clubes. Criando-se assim laços de clientelismo entre o jogador e o político.

Observamos neste período, uma prática comum entre os grupos políticos ligados ao futebol, a distribuição de cargos públicos ou privados, a jogadores de futebol, para que os mesmos atuassem em seus times, principalmente, pelo fato de

que neste período verificava-se o falso profissionalismo, pois a profissão de jogador de futebol não era reconhecida.

Um dos principais fatores, que contribuíram para que de tantos clubes existentes na época em Florianópolis, apenas o Avaí Futebol Clube e o Figueirense Futebol Clube, permanecem atuando até os dias de hoje, é observado pela estreita ligação de ambos, a dois grupos políticos expressivos, o Partido Social Democrático e a União Democrática Nacional, que por suas forças políticas em Florianópolis, criaram no cotidiano da cidade, uma divisão em dois distintos grupos.

Portanto, podemos concluir que no período entre 1946 a 1964, o futebol foi um importante meio de marketing, para divulgação da imagem de grupos políticos que pretendiam chegar e permanecer no poder. E que esses grupos utilizavam de várias práticas clientelistas, para alcançar seus objetivos, que era de obter o maior número possível de fiéis eleitores.

## FONTES

### Entrevistas realizadas pelo autor

SILVA, Fernando Linhares da: Depoimento [jun. 2000]. Entrevistador: Rogério Silva Luz. Florianópolis, 2000. 1 fita cassete.

BORGES, Maury Dal Grande: Depoimento [set. 2000]. Entrevistador: Rogério Silva Luz. Florianópolis, 2000. 1 fita cassete.

AQUINO, Maria de Lurdes Fernandes: Depoimento [jun. 2000]. Entrevistador: Rogério Silva Luz. Florianópolis, 2000. 1 fita cassete.

MEIRA, Osni: Depoimento [set. 2000]. Entrevistador: Rogério Silva Luz. Florianópolis, 2000. 1 fita cassete.

BRITO, Paulo: Depoimento [jun. 2000]. Entrevistador: Rogério Silva Luz. Florianópolis, 2000. 1 fita cassete.

CARIONI, Tadeu: Depoimento [set. 2000]. Entrevistador: Rogério Silva Luz. Florianópolis, 2000. 1 fita cassete.

## **Jornais**

Diário Catarinense

O Estado

A Gazeta

## **Documentos Impressos**

*Avaí: 64 anos de história.* Revista comemorativa dos 64 anos de Avaí Futebol Clube. 1987.

*Revista 73 anos.* Publicação comemorativa dos 73 anos do Figueirense Futebol Clube. 1988.

*Revista do Avaí.* Publicação comemorativa dos 75 anos de Avaí Futebol Clube. 1988.

*Revista do Avaí.* Edição Especial Título Brasileiro de 1998.

Avaí Futebol Clube. Estatuto do Clube.

## **Sites da Internet**

PEREIRA, Guilherme Acácio Santini. *Getúlio Vargas. Fotos S/D.* Disponível em: <<http://getuliovargas.ca.tc>>. Acesso em: 28 ago. 2000.

CAMPOS, Wanilton. *Figueirense Futebol Clube. Futebol no Brasil*. S/D. Disponível em: <<http://www.figueirense.com.br/futebol1.htm>>. Acesso em: 15 ago. 2000.

LIDER COMUNICAÇÕES. *Federação Catarinense de Futebol. Todos os Presidentes*. S/D. Disponível em: <<http://www.fcf.com.br>>. Acesso em: 28 set. 2000.

BRUSTOLIN, Rodrigo. *Avaí Futebol Clube. História*. S/D. Disponível em: <<http://www.avai.com.br/frame.html>>. Acesso em: 15 set. 2000.

PACHECO, Marcos Antônio. *CMF online, Legislaturas*. S/D. Disponível em: <<http://www.iaccess.com.br/~cmf/legis.htm>>. Acesso em: 13 set. 2000.

### **Livros, Artigos, Dissertações e Teses**

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. *Revista da USP: Dossiê Futebol*. Nº 22, jun/jul/ago/94

BOBBIO, Norberto. *Política e Cultura*. G. Einaudi, 1980.

BORGES, Maury Dal Grande. *85 Anos de Bola - A Memória do Futebol Catarinense*. Florianópolis: IOESC, 1996.

BRITTO, Luiz Navarro de. *Política e Espaço Regional*. São Paulo: Nobel, 1986.

BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da História*. São Paulo: UNESP, 1992.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. *Revista da USP: Dossiê Futebol*. Nº 22, jun/jul/ago/94

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A Política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARREIRÃO, Yan de Souza. *Eleições e Sistemas Partidários em Santa Catarina (1945-79)*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Florianópolis: UFSC, 1988.

CORRÊA, Carlos Humberto. *Os Governantes de Santa Catarina de 1739 a 1982*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1983.

---

\_\_\_\_\_. *Um Estado entre duas Repúblicas: a revolução de 30 e a política de Santa Catarina até 35*. Florianópolis Ed. Da UFSC 1984.

DAGNINO, Evelina (Org.). *Os anos 90: política e sociedade no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DAMATTA, Roberto. Antropologia do Óbvio. *Revista da USP: Dossiê Futebol*. Nº 22, jun/jul/ago/94.

DITTRICH, Regina Iara Regis. *O Deputado catarinense: Assembléia Legislativa no período de 1947 a 1965*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 1981.

ECO, Umberto. *Como se Faz uma Tese*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

FAGEN, Richard R. *Política e comunicação*. Rio de Janeiro: Zarhar, 1971.

FARIA, José Eduardo. *Política e Jornalismo; em busca da liberdade*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FAORO, Raymundo. *Os Donos do Poder: Formação do Patronato Político Brasileiro.V2*. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.

FRANCA JÚNIOR, Joaquim José de. *Política e costumes: folhetos esquecidos (1867 - 1868)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. *Catálogos de Jornais Catarinenses. 1850/1980*. Florianópolis.

GERMANI, Gino. *Política e Sociedade numa época de transição: da sociedade tradicional a sociedade de massa*. São Paulo: Mestre Jou, 1973.

HELAL, Ronaldo. *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LACLAU, Ernesto. *Política e Ideologia na Teoria Marxista: Capitalismo, Fascismo e Populismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LASSAWELL, Harold Dwight. *Política: quem ganha o que, quando, como*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1984.

LAUS, S. P. *A UDN em Santa Catarina (1945-1960)*. Dissertação de Mestrado em História. Florianópolis: UFSC. 1985.

LEAL, Vítor Nunes, *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo, no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

LENHARO, Alcir. Sacralização da Política. Campinas: Papyrus, 1986.

LENZI, Carlos Alberto Silveira. *Partidos e Políticos em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC: Lunardeli, 1983.

\_\_\_\_\_. *Celso Ramos: Um perfil político*. Florianópolis: Ed. terceiro Milênio, 1997.

LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.

LIMA, Terezinha Moreira. *A Política Social no dia-a-dia*. São Paulo: Cortez; 1982.

MACHADO, César do Canto. *História do Futebol Catarinense*. Florianópolis: Insular, 2000

MARTINEZ, Paulo. *Política: Ciência Vivência e Trapaça*. São Paulo: Moderna, 1993.

MARTINS, José de Souza. *O Poder do Atraso: Ensaios de Sociologia da História Lenta*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1994.

MEIRINHO, Jali. *A República em Santa Catarina de 1889 a 1900*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Ed. Lunardeli, 1982.

MELO, Osvaldo Ferreira de (Coord.). *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto: I.H.G.S.C.: Lunardeli, 1991.

MOSCA, G. *História das Doutrinas Políticas Desde a Antigüidade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

NOGUEIRA, José Carlos de Ataliba. *O Estado é meio e não fim*. São Paulo: Ed. Saraiva e Cia, 1945.

PEREIRA, Moacir (Org.). *Ivo Silveira: um depoimento*. Florianópolis: Insular, 1998.

PIAZZA, Walter Fernando. *O Poder Legislativo Catarinense: das suas raízes aos nossos dias (1834-1982)*. Florianópolis: Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1984.

---

*Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Edição da  
Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1994.

PIRES, Julio Manuel. *A política social no período populista*. São Paulo: IPE/USP,  
1995.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Política: quem manda, por que manda, como manda*. Rio de  
Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

SALDANHA, João. *O Futebol*. Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A., 1971.

SANTOS, Silvio Coelho dos. *Nova História de Santa Catarina*. Florianópolis:  
Lunardeli, 1974.

SILVA, Adolfo Nicolich da. *Ruas de Florianópolis: Resenha Histórica*. Florianópolis:  
Fundação Franklin Cascaes, 1999.

SILVA, Fernando Linhares da. *Pasto do Bode: Uma Tradição Inesquecível*.  
Florianópolis: Papa-Livro, 1993.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. *Futebol, Malandragem e Identidade*. Vitória:  
SPDC/UFES, 1994.

TANCREDO, Luiz Henrique. *Doutor Deba: Poder e Generosidade*. Florianópolis:  
Insular, 1998.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado- História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1992.

VIANA, Sérgio Besserman. *A Política Econômica no Segundo Governo Vargas: 1951-1954*. Rio de Janeiro: PUC, 1987.

WEBER, Max. *Economia y Sociedad: esbozo de sociologia comprensiva*. México, Fondo de Cultura Económica, 3a. reimpresión, 1977.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WIGHT, Martin. *A Política do Poder*. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1978.

## **Anexos**

## **Anexo 01**

### **Relação dos presidentes da Federação Catarinense de Futebol**

1924 a 1927 – Luiz Alves de Souza

1925 a 1929 – Otávio de Oliveira

1930 – Cel. Pedro Lopes Vieira

1931 a 1933 – Pedro E. Silva Madeiros

1934 a 1935 – Nelson Nunes

1936 a 1938 – João Alcantara da Cunha

1938 - Flodoaldo da Nobrega

1939 a 1946 – Aderbal Ramos da Silva

1947 a 1948 – Álvaro Pereira do Cabo

1948 - Paulo Webber Vieira da Rosa

1949 a 1951 – Flávio Ferrari

1952 a 1969 – Osni Melo

1969 a 1970 – Manoel Carlos de Souza

1970 a 1983 – José Elias Giuiari

1983 a 1986 – Pedro José de Oliveira Lopes

1986 a 2004 – Delfim Pádua Peixoto Filho

## **Anexo 02**

### **Relação dos Vereadores eleitos na 1ª Legislatura ( 23/11/47)**

ANTENOR TAULOIS DE MESQUITA – (UDN)

ARMANDO VALÉRIO DE ASSIS – (PSD)

GERCINO SILVA – (UDN)

GUIDO BOTT – ( Vice Presidente em 16/12/47, em 48, 49 e 50 – PSD)

HAMILTON ABADE VALENTE FERREIRA – ( 1º Secretário em 16/12/47 e 48 – PSD)

JAIRO CALLADO – (1º Secretário em 49 e 50 – PSD)

JOÃO ALCÂNTARA DA CUNHA – (PSD)

JOÃO BATISTA BONASSIS – (PSD)

JOÃO BATISTA DA COSTA PEREIRA – (Presidente em 16/12/47, em 48, 49 e 50 – PSD)

JOSÉ DO VALLE PEREIRA – (2º Secretário em Dezembro de 47 e 48 – PSD)

MANOEL DONATO DA LUZ – (1º Secretário em 16/12/47 à 31/01/49 – UDN)

OSWALDO DOS PASSOS MACHADO – (PSD)

OSNY MAYNOLDI ORTIGA – (2º Secretário em Fevereiro de 49 e 50 – UDN)

ROBERTO DA LUZ COSTA – (UDN)

VITOR DA LUZ FONTES – (UDN)

## **Anexo 03**

### **Relação dos Vereadores eleitos na 2ª Legislatura em 03 de outubro de 1950**

ANTÔNIO DE PÁDUA PEREIRA – (1º Secretário em 51, 52 e 53 e Presidente em 1954)

ÁLVARO MILLEM DA SILVEIRA – (Presidente em 51 e 52)

ANTÔNIO PASCOAL APOSTOLO – (2º Secretário em 52, 53 e 54)

BRUNO SCHLEMPER

FLÁVIO FERRARI – (Presidente em 1953)

GERCINO SILVA

JUPY ULISSÉA

MÁRIO COUTO – (1º Secretário em 1954)

MIGUEL DAUX – (Vice Presidente em 52 e 53)

OSNI MELLO

OSNI RAUL LISBOA

OSMAR CUNHA

RAFAEL DI GIACOMO – (Vice Presidente em 1954)

VITORINO CECHETTO - (2º Secretário em 1951)

VICTOR DA LUZ FONTES – (Vice Presidente em 1951)

EDIO ORTIGA FEDRIGO – ( Substituiu MARIO COUTO até 31/01/52 e, OSMAR CUNHA a partir de Novembro de 1954)

## **Anexo 04**

### **Relação dos Vereadores eleitos na 3ª Legislatura Fevereiro de 1955 à Janeiro de 1959**

ANTÔNIO PASCOAL APOSTOLO - ( Presidente em 1956 )

ARMANDO VALÉRIO DE ASSIS - ( Presidente em 1955 )

BALDICERO FILOMENO - ( 1º Secretário em 1956 e Presidente em 1957 )

CARMELO MARIO FARACO - ( 2º Secretário em 1955 )

FREDERICO VERAS

GENESIO LEOCÁDIO DA CUNHA - ( Vice Presidente em 1955 e 1956 e 1º Secretário em 1957 e 1958 )

GERCINO SILVA

JOÃO NAVEGANTES PIRES - ( Presidente em 1958 )

JÚLIO PAULINO DA SILVA - ( 1º Secretário em 1955 )

JUPY ULISSÉA

LIBERATO CARIONI

HAROLDO VILLELLA

OSNI RAUL LISBOA - ( Vice Presidente em 1957 e 1958 )

WALDEMAR VIEIRA

WALTER DE OLIVEIRA CRUZ - ( 2º Secretário em 1956, 1957 e 1958 )

## **Anexo 05**

### **Relação dos Vereadores eleitos na 4ª Legislatura Fevereiro de 1959 à Janeiro de 1963**

BALDICERO FILOMENO - ( Vice Presidente em 1959 e 1º Secretário em 1962)

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO

ESPERIDIÃO AMIN HELOU

HÉLIO ABREU

HÉLIO PEIXOTO - ( Presidente em 1960 )

HILTON PRAZERES - ( 2º Secretário em 1959, 1960, 1961 e 1962 )

JÚLIO PAULINO DA SILVA - ( Presidente em 1959 e 1º Secretário em 1960 e 1961)

MANOEL ALVES RIBEIRO

MOACIR PEREIRA - ( Vice Presidente em 1960, 1961 e 1962 )

NEREU DO VALLE PEREIRA - ( 1º Secretário em 1959 )

OSVALDO BITTENCOURT

OTTO H. FILHO

SERAFIM FAUZ

WALDEMAR VIEIRA - ( Presidente em 1961, 1962 e 1963 )

HERMINIO MENEZES FILHO

## **Anexo 06**

### **Relação dos Vereadores eleitos na 5ª Legislatura Fevereiro de 1963 à Janeiro de 1967**

ARNALDO ALFREDO FUHRMANN - ( 2º Secretário em 1963 e 1º Secretário em 1966 )

BALDICERO FILOMENO - ( 1º Secretário em 1964 )

DAKIR POLIDORO - ( Presidente em 1964 e 1965 e renunciou em 11/ 11/ 65 )

DOMINGOS FERNANDES DE AQUINO \_ ( 1º Secretário em 1963

GERMANO AMORIM - ( 1º Secretário em 1965 )

HÉLIO PEIXOTO

JORGE PINHEIRO - ( Vice Presidente em 1964 )

JOSÉ FREDERICO PERES - (Vice Presidente em 1963 e 1965 e Presidente em 30/ 05/ 63 à 03/ 02/ 64 )

LÚCIO FREITAS DA SILVA - ( 2º Secretário em 1964 e 1966 )

MOACIR PEREIRA

MURILO VIEIRA - ( 2º Secretário em 1965 )

NORBERTO UNGARETTI - ( Presidente em 12/ 11/ 65 à janeiro de 66 e Presidente em 1966 )

ROBERTO LAPA PIRES

WALDEMA VIEIRA - ( Presidente em 1963 e Vice Presidente em 1966 )

WALDEMAR JOAQUIM DA SILVA FILHO ( CARUSO )

Em 1963 VALTER ALMEIDA substituir o titular JORGE PINHEIRO

OBS : Com a renuncia do Presidente DAKIR POLIDORO, houve nova eleição para Presidente em 12/11/ 77.

Ata da Fundação do Figueirense Futebol Clube

Ata da fundação do Figueirense Foot-  
Ball Club.

Nos dias do mês de junho do ano de 1921  
pelas 7 horas da noite nesta Capital  
(Flórida) a rua Padre Roma, no 1.º  
residência do Sr. Ulises Carlos Tolentino, por  
iniciativa de Sr. Jorge Albino Ramos, foi  
fundada uma Sociedade,  
que tomou o nome de "Figueirense  
Foot Ball Club."

A esta fundação compareceram os senhores,  
João dos Passos Xavier, Ulises Carlos Tolentino,  
Eledoro Ventura, Regino Eudovico da Silva,  
Jorge Albino Ramos, Balbino Felisbino da Silva,  
Domingos Felisbino da Silva, Bruno Ventura,  
Jorge Araújo Tiquarato, Domingos Giloso,  
Barlito Honorio da Silveira, Leopoldo Silva,  
Raimundo Nascimento, e por motivos de  
falta maior deixou de comparecer a esta  
reunião o nosso amigo Sr. Fraja Chagas da  
a quem justificada a falta.  
Com a palavra o Sr. Jorge Albino Ramos, pediu  
aos presentes a escolha para dirigir os  
destinos da nova Sociedade esta fundada  
no local, onde os jardins chamam mais  
floridos, e as flores mais perfumadas;  
a sua primeira diretoria, que ficou assim  
constituída:

- Presidente João dos Passos Xavier
- Vice Eledoro Ventura
- 1.º Secretario Balbino Felisbino da Silva
- 2.º " " Regino Felisbino da Silva
- 3.º " " Jorge Albino Ramos

Prador, Francisco Margarida  
guarda esporte, Miguel Ladeiras da Silva  
Diretor do clube, Ulisses Carlos Fontana  
Encarregado da obra, Bruno Ventura.

Depois aclamada e aprovada a diretoria,  
fez uso da palavra, o Sr. presidente que  
elogiou a ideia do Sr. George Branco  
em propor a fundação do Tiquiarese,  
no momento que em Florianópolis havia  
desaparecido o esporte praticado com  
desaparecimento do Club Amata Garbalde

~~que mantinha dois quadros e a col.~~  
que mantinha dois quadros e a col.  
Em seguida agradeceu ao Sr. Ulisses  
Carlos Fontana por ter gentilmente  
cedido a sua residência para  
fundação do Tiquiarese,  
e convocou nova reunião para  
próxima sexta-feira no mesmo  
horário.

Fendo agradecido o comparecimento  
de todos deu por encerrada a sessão,  
e em Secretário houve a presente ata  
que vai por mim datada e  
assinada.

Florianópolis 12 de junho de 1921  
Balthino Felbino da Silva  
1º Secretário

Para se deu a fundação do Figueirense,  
na quarta feira antes, eu fui fazer a barba  
na barbearia do Sr Jorge Ramos que  
ficava na Rua Pedro Álvares esquina da  
Rua Conselheiro Chapra, e tendo ali chegado  
encontrei uma pleiade de companheiros  
tudo ao mundo de radiio entusiasmo que  
se os rapazes da sancta figueira pediram  
então eles me disseram Xoré aqui está  
se tratando de fundar um Club de  
Foot Ball que no futura honrará a  
nossa terra e a nossa gente. Já esta  
escolhida a sua directoria faltando só  
o Presidente e esta vez ser você  
aceites ou repudi. Mas sim aceite porque  
nenhum <sup>figueirense</sup> pode deixar de acompanhar  
sua escola nas occasões prezias,  
então eles deixaram amoula quinta feira  
~~o~~ será fundado o Figueirense Foot Ball  
Club. Simbolo do lugar mais fraterno  
que já se conheceu. Lembrando a todos  
porque ali ricos, médios, e pobres viviam  
todos como se sua figueira existisse numa só  
familia, e para provar esta afirmativa  
eu lembro algumas familias que ali  
onoraram que se hoje existisse se  
teriam como nobres.

Deixando a todos a lembrança.